

A Defesa Nacional

REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES

Redactor-chefe A. PAMPHIRO — Redactor-secretario MARIO TRAVASSOS — Redactor-gerente JORGE DUARTE

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: — RUA DA QUITANDA, 74

ANNO XIII

Rio de Janeiro, 10 de Agosto de 1926

N. 152

Grupo mantenedor

A. Pamphiro, Mario Travassos, Jorge Duarte (Redactores) T. Araripe (Sub-secretario) Luiz Procopio (Thezoureiro), João Pereira (Revisão), Scheleder, Nilo Val, Paes d'Andrade, Eurico Dutra, Orozimbo Pereira, Sílio Portella, Daltro Filho, Elói Catão, Francisco Fonseca, C. C. de Abreu.

SUMMARIO

EDITORIAL:

Um só ideal:
Frente unica

COLLABORAÇÃO

A proposito da situação militar	Cap. J. B. Magalhães
Ideias sobre a organização militar argentina (Trad)	Cap. J. Lobato Filho
Pró Instrução	Ten. Cel. Paes de Andrade
Observações sobre a Organização da Infantaria	Cap. Paula Cidade
Pontaria á luneta	Major Caiuby
Carta aberta dos Directores do „Diário do Brazil”	Cap. J. B. Magalhães
F. M. Mod. 1924 (Trad. Commentada)	Cap. J. Pereira
Emprego da E. na organização do terreno em ligação com a I. (Trad.)	1.º Ten. Octavio Paranhos

DA REDACÇÃO

Quinta arma, Salve! — O ensino pratico na E. M.
Dando o exemplo — Nova lei de Promoções — O thema de «A Defesa Nacional» — O Centenario de Solano Lopez — Subsídios para os Quadros de Reserva — Sobre um projecto de lei — Ainda citações e não elogios — Consultas — Bibliographia — Expediente.

Instrução do Soldado

Pontos principaes da instrução da tropa)

Pelo Cap. DERMEVAL PEIXOTO

Estão á venda os primeiros fasciculos separata da 5.^a edição deste livrinho indispensavel aos candidatos á reservista do Exercito das *Sociedades de Tiro e Estabelecimentos* onde ha instrução militar.

Completamente remodelado e em dia com os *recentes regulamentos*, abrange o programma completo da *Escola de Soldado* de accôrdo com os novos ensinamentos.

Como *livro para recrutas* encerra todos os ramos de sua instrução, expostos methodica e succintamente de modo a poderem ser lidos e entendidos por elles proprios.

Fasciculos publicados:

- I — A Educação Moral do Soldado.
- II — A Instrução Geral.
- III — A Instrução Disciplinar e de Serviços
- IV — A Instrução Physica e Treinamento de marcha.

Annexo — Organização do Exercito.

Fasciculos a seguir:

- V — A Escola do Soldado e do Grupo.
- VI — Armamento e Tiro.

A Papellaria Macedo - Rua Quitanda, 74 - Rio

Accetta encomendas.

Preço de cada fasciculo . . . 1\$000
Os I, II, III e IV, reunidos . . . 3\$000

Collocação em vigilancia da bateria por meio do goníometro e da plancheta topographica

pelo

1.^o Ten. Fernando Fonseca de Araujo

A venda em nossa Redacção

(Rua da Quitanda 74)

Preço: 5\$000. — Pelo Correio mais 8500

A MINHA DEFESA

Replica ao Tenente-Coronel Beverina,
do Exercito Argentino,

a propósito da Campanha de 1851-1852

pelo

Cap. Genserico de Vasconcellos

Preço 2\$500

Que a Artilharia deve saber da Infantaria ?

(Pelo 1.^o Ten. Mario Travassos)

Algumas conferencias sobre a carta, escriptas e lidas para os officiaes do
1.^o GRUPO DE MONTANHA,
contendo 22 croquis.

(Uteis aos officiaes de todas as armas)

Preço 5\$000 — Pelo correio 5\$500

Livraria Briguiet

Rio de Janeiro

BASTOS DIAS Rua Sete de Setembro, 203

Secção de Artigos Photographicos

Apparelhos photographicos, objectivas e todos os pertences para a photographia.

Secção de Drogeria

Drogas em geral e productos chimicamente puros para analyses de Merck e Kalbaun

Secção de Gravura


Apparelhos e todos os artigos para gravadores.

Agente Geral dos Snrs. A. W. Penrose & Cia.

Apparelhos e artigos em geral para gravadores

Representante de La Verrerie Scientifique - Paris

Apparelhos a vapor de Mercurio para todos os trabalhos.



MOLESTIAS NERVOSAS
MISERIA ORGANICA
NEURASTHENIA
HYGROSACCHARETO
SILVA ARAUJO
Glycerophosphatos
alcalinos glanulados

Representantes da "A DEFESA NACIONAL"

Na Marinha de Guerra

Cap. Ten. Braz Velloso

No Rio de Janeiro

E. M. E. — Cap. A. Pamphiro
D. M. B. — Ten. Floriano T. Homem.
D. G. I. G. — Ten. Cel. Paulo A. Bastos.
Ars. Guerra — Ten. Rafael Danton.
Fabr. Cartuc. — Cel. Machado Vieira.
M. M. F. — Ten. Panasco Alvim.
E. E. M. — Ten. Jorge Duarte.
E. A. D. — Cap. J. L. Moraes.
E. V. E. — Cap. Dr. J. Benevenuto Lima.
E. M. — Cap. Orozimbo Pereira.
E. M. — Alumno Octavio Silva.
C. M. — Ten. H. Sarmiento.
1.º R. I. — Major Pedro Angelo.
2.º R. I. — Cap. Vicente Formiga.
3.º R. I. — Cap. Pedro L. Campos.

C. C. C. — Ten. João C. Gross.
1.º R. C. D. — Ten. Floriano Portugal.
15.º R. C. I. — Cap. Soares da Silva.
1.º R. A. M. — Ten. José Candido Muricy.
2.º R. A. M. — Ten. Antonio Maráu.
1.º G. A. Mth. — Cap. Silvino Campos.
1.º G. I. A. P. — Ten. Vasco Secco.
1.ª Cia. F. V. — Ten. Antonio Bastos.
Fort. Sta. Cruz — Cap. Ary Luiz.
Fort. S. João — Cap. H. Portocarrero.
Fort. Copacabana — Ten. Julio Lebon Regis.
Fort. Vigia — Cap. F. Fonseca.
Fort. Lage — Cap. Octavio Cardoso.
Regimento Naval — Sgt. Santino Correia de Queiroz.
Pol. Mil. — Cap. Souto Maior.

Fóra do Rio de Janeiro

Q. G. 2.ª D. I. — S. Paulo — Cap. Newton Braga.
Q. G. 3.ª D. I. — P. Alegre — Cel. Antenor Magalhães.
Q. G. da Circ. de Matto-Grosso — Cap. Pinto Pacca.
Q. G. 5.ª R. M. — Curityba — Ten. Altamirano Pereira.
Ars. Guerra — P. Alegre — Cap. F. Correia Lima.
C. M. — P. Alegre — Ten. Nestor Souto.
4.º R. I. — Quitaúna — Ten. Alvaro de Oliveira.
8.º R. I. — Cruz Alta — Ten. Carlos Martins.
11.º R. I. — S. João d'El Rey — Cap. Lucio Ferreira.
12.º R. I. — B. Horizonte — Cap. Luiz G. S. Leão.
13.º R. I. — Ponta Grossa — Ten. Guilhermino dos Santos.
4.º B. C. — S. Paulo — Ten. Salgado dos Santos.
7.º B. C. — P. Alegre — Cap. Jeronymo Braga.
15.º B. C. — Curityba — Ten. Domingos dos Santos.
19.º B. C. — Bahia — Ten. Cruz Cordeiro.
21.º B. C. — Recife — Ten. Oliveira Leite.
24.º B. C. — S. Luiz — Ten. José Maria Rodrigues.
2.º R. C. D. — Pirassununga — Alcides Santanna.

4.º R. C. D. — Três Corações — Ten. Celso Pedra Pires.
2.º R. C. I. — S. Borja — Ten. Osorio Tuyuty.
9.º R. C. I. — Jaguarão — Ten. Lelio Miranda.
10.º R. C. I. — Bella Vista — Cap. M. G. Nogueira.
R. A. Mixto — Campo Grande — Ten. Cid. Oliveira.
5.º R. A. M. — Sta. Maria — Cap. Osorio Alves.
6.º R. A. M. — Cruz Alta — Ten. Ismar Escobar.
3.º G. I. A. P. — Margem do Taquary — Cap. Americano Freire.
5.º G. A. Mth. — Valença — Ten. Anisio Montarroyos.
1.º G. A. Cav. — Itaqui — Cap. Euclides Sarmiento.
3.º G. A. Cav. — Bagé — Cap. Asdrubal Escobar.
Forte Marechal Luz — Ten. Francisco C. Cavalcanti.
Forte de Itaipús — Ten. Abelardo Marcondes.
Florianopolis — Ten. Zoroastro Firmo.
Força Publica de S. Paulo — Ten. Julio Salgado.
Força Publica do E. do Rio — Cap. Silveira do Prado.
Força Publica do Ceará — Ten. Osimo de A. Lima.

A Defesa Nacional

REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES

Redactor-chefe A. PAMPHIRO — Redactor-secretario MARIO TRAVASSOS — Redactor-gerente JORGE DUARTE

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA DA QUITANDA, 74

ANNO XIII

Rio de Janeiro, 10 de Agosto de 1926

N. 152

EDITORIAL

UM SÓ IDEAL: — FRENTE UNICA !

Em nosso paiz, ainda não conseguimos realizar a interpretação das duas formidaveis entidades que são a Nação e o Exercito.

E' que ainda não sentimos as reacções reciprocas entre a Paz e a Guerra. Vivemos de formulas sentimentaes, alheias ás realidades historicas e geographicas que representamos e que nos cercam. Faltamos o criterio scientifico para nos organisarmos em potencia ponderavel tal qual todos sonhamos para o nosso paiz.

Todo o mundo civilisado gravita em torno de duas phrases de fogo mas que exprimem a lucta como a propria essencia da vida que é a selecção. Uma dellas lançou-a Von Bernhardi — *«a guerra é a continuação da politica com as armas nas mãos»*. A outra, emittiu-a Clemenceau, em plena Conferencia de Versailles — *«a paz é a guerra conduzida de outro modo»*.

Outro não podia ser o resultado da crescente industrialisação da vida moderna em que as competições economicas se tornam cada vez mais intensas. E, em tal scenario, as palavras de ordem são *Organisação* e *Organisação*. E quando a organização prima sobre todas as coisas tem-se que reconhecer o Exercito como o grande plasmador da Nação.

De facto; na paz cabe ao Exercito — para a satisfação das necessidades militares do paiz — ser o apparelho de caldeamento social ao mesmo tempo que o condensador das reservas nacionaes; como expressão pratica da soberania nacional é elle o grande estimulo e o grande condensador de todos os crescimentos, de todos os progressos. Na guerra — quando a Nação inteira se mobilisa para a batalha — cabe-lhe enquadrar-a, levar-a nas malhas de sua organização de campanha á Victoria das proprias armas.

Em resumo — na paz a Nação precisa do Exercito, na guerra o Exercito precisa da Nação. Na paz como na guerra o Exercito tem que ser a espinha dorsal da nacionalidade, sufficientemente forte para que possa articular todos os desdobramentos da vida nacional, flexivel na medida necessaria á homogenisação desses mesmos desdobramentos. Emfim, o Exercito Nacional, como todas as forças que devem representar papel politico-social predominante — tem que pairar acima de tudo e de todos, realizar o esforço apostolico de isentar-se das paixões ambientes, para que possa sentir de perto o rythmo das verdadeiras aspirações da Patria.

E nós ainda não nos capacitamos dessas velhas verdades. Emergimos celeremente da rotina e dos preconceitos que asphyxiavam a nossa nacionalidade, mas ainda não extirpamos do intimo de nós mesmos essas taras retardadoras. Queremos ser uma Grande Nação, mas queremos-o mais superficial que profundamente. Falta-nos o *esforço decisivo* no sentido de nos organizarmos a fundo, seriamente.

Eis por que a Nação e o Exercito fazem vida paralela tal como se fosse possível, modernamente, a essas duas entidades progredir apartadas uma da outra. Dahi a maior parte das reacções sociaes que se têm verificado nesses ultimos annos, *reacções que tendem a multiplicar-se, á proporção que o paiz evolua para os seus grandes destinos, se não se decidirem os homens publicos pela fusão definitiva da Nação e do Exercito Nacional.*

Com effeito; falta á Nação a consciencia do que seja o Exercito.

Os cidadãos responsaveis, embora saibam o que seja esta instituição, sabem-no abstractamente. Praticamente confundem-na com o Exercito Permanente. Só assim pode-se comprehender suas infestivas e constantes intromissões no que temos de mais caro como sejam as promoções, inclusive as que contribuem para a formação do alto commando, a questão dos effectivos, da repartição da tropa pelo territorio nacional e muitos outros aspectos vitaes da defesa militar do paiz. Pensam que affectam apenas ao Exercito quando, em verdade, ferem a Nação.

A massa de nossos patricios, comquanto não atinja directamente a technica militar — somente porque lhe faltam meios para tanto — ameaça de destruição, com as suas versateis solicitações, a finalidade politico-social do Exercito quando nos reconhece o direito e até o dever de voltar contra nós mesmos as armas que a Nação nos entregou. *Pensam na salvação da Nação mas apenas conseguem degradar-lhe a ossatura que é o Exercito Nacional.*

Desse modo, comprimido por todos os lados, incomprehendido, menosprezado, dilacerado por todos os meios é o Exercito encarado á parte pela Nação, como

alguma coisa que tenha de viver e agir por conta propria.

Igualmente, falta á totalidade do Exercito Nacional a consciencia profunda das transformações successivas por que tem passado de 1908 para cá — *a situação do novo Exercito na Nação.*

A' essas transformações não presidiu a firmeza que lhes era imprescindivel. Houve sempre a intenção de contemporizar. Todas as medidas pouco tiveram de decisivo. Temos vivido de palliativos, desses que apenas dão ao enfermo a illusão momentanea da saude. Só se tem feito tratamentos locaes, deixando-se de lado o estado geral do doente. Nem mesmo nos arriscamos a amputação de certos membros que tem continuado a generalisar a grande infecção de que sofremos.

Dahi a heterogeneidade de nossos quadros, campo por demais favoravel ás actuações contrarias á definitiva organização do Exercito como instituição nacional — *do Exercito-escola, do Exercito-reservas, do Exercito-Nação.* Todos os principios fundamentaes lançados em meio tão heterogeneo se deformam por continuas refrações.

Assim é que são muitos os cavalleiros que não montam, os infantes que não marcham e os artilheiros que não atiram; os que ainda tem e nutrem com particular carinho o espirito de classe do exercito profissional que via por toda parte, em todas as attitudes o desprestigio do grande Papão que já deixou de existir, apesar de tudo; os que se deixam embalar por doutrinas philosophicas alheias e até contrarias ao espirito militar — todos esses elementos facéis presas, incautos joguetes das paixões ambientes que parecem vir ao encontro de seus pontos de vista pessoaes. *Pensam que trabalham para a collectividade quando, em verdade, perdem o melhor de sua actividade e compromettem elementos outros ainda não consolidados pela idade ou pelo posto.*

Em face desse conjunto de coisas é facil comprehender-se que ainda haja dentro do Exercito uma serie de preconceitos conduzindo a se o admittir como parte da Nação, como o seu mentor, como um faz e desfaz situações.

Eis ahi. Dobrando-se uns aos caprichos politicos dominantes, rebellando-se outros excitados pelas correntes de opinião, quasi todos escapam da unica linha de conducta compativel com o Exercito como instituição nacional e que se pode definir n'uma só palavra — *estabilidade*.

*
**

E a crise mundial surprehendeu-nos no auge desse formidavel mal entendido. Faceis como somos em adaptar a nós as coisas dos outros, queremos a todo transe encontrar no Brasil razões para golpes de Estado e pronunciamentos armados. Esquecemo-nos de que a crise geral só pode affectar-nos indirectamente devido á nossa incipiencia economica; que, assim sendo, não pode conseguir subverter os valores, porque não somos terreno fatigado como os Estados europeus, por que nos sobra vitalidade e podemos fazer a sementeira do nosso futuro mesmo a flôr da terra sem precisar revolvê-la a golpes de espada e irrigal-a com sangue patricio, calcando sob o tacho de nossas bôtas a ordem civil constituida.

A não ser os que actuam calculadamente — casos que nos dispensamos de considerar — é de crêr que todos os mais se surpponham com a razão.

Não o discutiremos. Nosso objectivo não é augmentar a afflicção ao grande soffredor que é o nosso amado Brasil, augmentando as dessidencias, resolvendo dôres amargas heroicamente supportadas por quantos — onde quer que seja — tenham sido animados por impulsos sinceros.

O que desejavamos resaltar — e já é tempo de fazel-o — é o doloroso mal entendido em que inutilmente todos os brasileiros se debatem. Não será por decretos mais ou menos pomposos ou por golpes brutaes de força ou por qualquer façanha magica que levaremos o paiz a altura condiga. Coisas como taes pouco ou em nada alteram as circumstancias

ambientes, com ellas não se consegue mais que trocar os signaes dos valores em jogo. A nacionalidade brasileira tem a sua evolução a fazer-se atravez interminavel serie de problemas cujas soluções dependem de caldeação racial, da producção e das communicações, de alphabetisação e educação. Só ha um meio de acelerar essa evolução — é manter-se em equilibrio estavel o meio social.

E a base de partida para attingir-se esse equilibrio está na interpenetração da Nação e do Exercito Nacional — a Nação se desenvolvendo livre de qualquer pressão, o Exercito como a manifestação positiva, affirmativa do seu progresso e da sua segurança.

Porque não consolidarmos nesse *ideal* todas as nossas acções, todos os nossos pensamentos? Porque não cerrarmos todas as nossas energias em torno deste principio? Porque não pleitearmos junto aos cidadãos responsaveis e á massa de nossos patricios o *direito* e o *dever* de organisarmo-nos definitivamente em potencia militar, visando realizar amplamente a nossa *tríplice finalidade social, politica e militar*? Porque não solicitar-mos — num formoso gesto de renuncia — as medidas necessarias para que o Exercito encarne esse ideal e constituamos todos nós a *frente unica* á cuja barra virão morrer todos os preconceitos? Não seria essa a *formula pratica*, e efficiente para o restabelecimento da solidariedade dos militares entre si e entre os militares e civis? Hoje que cada um de nós é responsavel pelos proprios actos; que mais não é possivel a solidariedade de fileira, immediata, aggressiva; que a solidariedade não é mais *companheirismo*, mas deve ser disciplina intellectual e moral regida por um alto designio, avultando como um ponto de direcção afastado, não seria esse *unico ideal* a realisação de *frente unica*?

Meditemos profunda e sinceramente sobre todas essas perguntas e que o nosso meio civil e militar já comporte resposta affirmativa para cada uma dellas!

Aproposito da situação Militar

Considerámos em nossa primeira parte as questões de ordem mais geral e relativas á formação dos exercitos. Vejamos hoje, mais particularmente, como se encaravam ha cinco seculos as questões relativas á infantaria e á cavallaria, como promettemos, e tambem em complemento, algo da artilheria que, sendo naquella época mero accessorio no combate offensivo, só possuía um valor accentuado atraz das muralhas das praças fortes.

O segundo plano em que é relegada a artilheria na guerra de movimento tem origem na sua pouca mobilidade, no seu fraco alcance e na lentidão do seu tiro. No emtanto, o apparecimento d'essa arma exerceu, como é sabido, sua influencia tactica alterando os processos de combate e reagindo sobre as formações. Nada mais, nada menos, em todo caso, que uma influencia da mesma ordem que a produzida pelo maior alcance, maior calibre e rapidez do tiro, nos processos de combate e formações do campo de batalha nos nossos tempos.

Passaremos sobre todos esses assumptos rapidamente, para não alongarmos demasiado este artigo.

Terminaremos, porém, pela transcripção de alguns preceitos tacticos de então, não difficeis de encontrar ainda nos mais modernos regulamentos, e que dispensam commentarios.

Creemos ter assim visto uma prova de fixidez e immutabilidade das leis da guerra, base da mentalidade que convem fixar.

• •

A infantaria formava, como hoje, o archaivo dos exercitos. Era recrutada entre os homens de 17 a 44 annos que se agrupavam em diversas formações, cujo conjunto formava o Exercito. Depois de recrutada, era armada e instruida. A instrueção comprehendia, como hoje, dois ramos: instrueção technica propriamente dita e instrueção tactica.

Vejamos primeiro o armamento.

E' sabido que as armas de arremço tinham naquelle tempo uma importancia secundaria porque, de fraco alcance e morosas nos disparos, não interpunham entre os exercitos em luta espaços consideraveis que não pudessem ser transpostos sem graves perdas. Por isso, a luta principal travava-se peito a peito.

Nessas condições, vemos tomar grande importancia as armas defensivas, escudos, couraças, etc., de uso individual e fazendo parte do armamento. Hoje, o principio, que dictava semelhantes usos, mantem-se de pé, transformado em instrumentos de sapa, trincheiras e abrigos, cascos de aço, mascaras contra gases, etc., modificações necessariamente impostas pelos progressos do armamento.

Eram ainda as necessidades do emprego que dictavam a escolha das armas offensivas:

usavam-se varias armas, cada uma, porém, com suas missões, destinos especiais.

«Não esqueçais que a infantaria póde ter de combater a infantaria como a cavallaria e que ella se torna inutil se não póde resistir á cavallaria e se, estando em estado de resistir a esta, é inferior a outra infantaria melhor armada e melhor disciplinada».

E mais adiante:

«A infantaria allemã tem sido sempre batida cada vez que tem combatido tropas a pé da mesma disciplina e de igual coragem, por causa da inferioridade de suas armas. Philippe Visconti, duque de Milão, sendo atacado por 18.000 Suisos, lançou contra elles o general Carmagnuola, que dispondo apenas de alguns infantes e 6.000 cavalleiros, foi por elles batido, com grandes perdas. Homem habil, percebeu a causa de sua derrota na superioridade das armas inimigas (grandes piques) contra sua cavallaria.

Reuniu de novo suas forças e tornou a atacar mas com seus gendarmes a pé. Todos os suisos pereceram á excepção de 3.000 que depuzeram as armas».

Tal resultado se explica:

«O comprimento do pique impede o allemão de servir-se d'elle contra um inimigo que o preme de perto; elle é obrigado a abandonal-o e tomar a espada que se torna inutil sem armas defensivas, contra um inimigo todo revestido de aço».

E', portanto, ainda hoje o que se observa: tornar o armamento apropriado ao combate.

Felizmente temos realizado em nossa infantaria uma bellissima applicação desse principio, na intelligente construcção a nós legada pelo superior talento do general Gamelin. Referim-nos á metralhadora leve, essa admiravel arma que acompanha passo a passo, com seus fogos, rajadas violentas e efficazes, o progredir lento do infante. Possuindo do F.M. quasi a mesma maneabilidade e da metralhadora pesada quasi a mesma firmeza e velocidade de tiro; não se deixando como esta distanciar pelos que avançam, nem como aquelle destrair-se em frente restricta, sabe guardar os flancos (de perto), preencher efficazmente os intervallos na offensiva e sabe na defensiva fazer flanqueamentos efficazes creando zonas de morte certa. E' a arma por excellencia do commandante de batalhão.

Se a nossa infantaria está armada conforme as necessidades de seu combate, o mesmo não podemos dizer em relação á cavallaria.

Vemol-a dotada de lança, cuja applicação tem um caracter eventual e não é para os nossos cavalleiros de mais seguros effeitos que a boa espada; não vemos armas automaticas sufficientes com que haja de dominar de um golpe, como é de sua maneira normal de agir.

Dadas as differenças entre as divisões de infantaria nossas e as francezas não vamos

exigir que a nossa D. C., como a franceza, poria em linha o mesmo numero de armas automaticas que uma D. I., mas achamos indispensavel que ella possa plenamente realizar suas missões offensivas e defensivas.

Como poderá a cavallaria dar a impressão de uma frente continua de fogos, com a fraca dotação que tem de armas automaticas, em largas frentes de 10, 12 e mais kilometros?

Vejamos agora a instrucção da infantaria.

Esta consistirá em: «quaesquer que sejam as armas do soldado, seus exercicios devem ter o principal objecto de nossos cuidados, senão d'ellas não tiraremos o menor partido útil. E' preciso encaral-os sobre tres aspectos:

1.º dar resistencia á fadiga, habituar a supportar todos os males, dar agilidade e dextreza;

2.º ensinar a manejar e applicar as armas;

3.º ensinar a conservar seu lugar no Exercito, seja na marcha seja no acampamento, seja no combate».

Não deve ser hoje differente o preparo do soldado, e assim attestam os nossos regulamentos mais modernos. No emtanto, não podemos de consciencia affirmar havel-os comprehendido ainda, mesmo resalvada a situação actual do serviço militar. Certas praticas velhas revelam entre nós falta de assimilação. E' que para assimilar-se uma doutrina qualquer, não basta ter o conhecimento das noções theoreticas e é preciso possuir uma pratica correspondente. Ninguém assimilará geometria pelo simples conhecimento dos enunciados; é indispensavel comprehender as demonstrações e saber applicar os theoremas a problemas dados. Só após vencer difficuldades praticas se poderá affirmar a posse de uma assimilação real.

Com uma doutrina de guerra é peor porque os dados variam ao infinito e ha uma multidão de detalhes influentes a considerar. D'ahi resulta uma maior necessidade de exercicio e pratica para attingir a assimilação levada até o estado dos reflexos, o que é imposto pelo caracter de urgencia que tomam as soluções.

No seculo XV começava-se por «tornar os jovens ágeis, exercitando-os em correr; tornal-os fortes, fazendo-os lutar e arrancar estacas da terra; tornal-os dextros trejnando-os em saltar».

Após, vinham os exercicios apropriados ás armas do tempo, cujo manejo era praticado até nas menores minucias, porque se tinha sempre em vista que «no combate não ha pequena vantagem que não seja muito importante» e que «por toda parte os erros se podem corrigir, mas os que se commettem na guerra trazem immediato castigo».

Esse cuidado da instrucção era levado a rigor entre os antigos, a ponto de até aproveitarem para isso as festas publicas.

Hoje praticam-se desportos, muito uteis, cuja organização, porém, poderia tomar um caracter mais productivo á nossa defesa.

«Estes diversos exercicios eram muito facéis para os antigos e não ha hoje republica ou

monarchia que não possa a elles habituar seus jovens. Vê-se a prova em algumas cidades onde estão em uso. Grupam-se os habitantes em differentes tropas e cada uma toma o nome derivado das armas de que se servem seus homens na guerra, excluidos os que, por sua idade ou outros motivos, não são proprios á guerra. Nos dias de festa fazem-se torneios em que todos tomam parte no exercicio das armas de que adoptaram o nome».

A instrucção tactica era mais difficil, como hoje, de ministrar á população. Ella exige uma organização, organização semelhante áquella com que as tropas terão de fazer a guerra.

Tal como hoje, essa organização serviria ainda como que de vehiculo para a nação transitar do estado de paz ao estado de guerra, alem das utilidades da instrucção.

Propunha o autor para o seu paiz a organização de brigadas, constituídas de batalhões dos quaes apenas alguns existiriam organizados na paz. «Toda republica ou todo monarcha que quer formar seus cidadãos ou subditos para a guerra, deve armal-os e organizal-os; e, depois de os ter devidido em tantas brigadas quantas o paiz comportar, para instruil-os, é bastante tomar batalhão por batalhão. Comquanto o numero de homens de cada corpo não possa formar um verdadeiro Exercito, cada homem pode aprender assim tudo que a guerra exige».

Mutatis mutandis, não é outra cousa o que ainda hoje se faz.

Esses batalhões e brigadas eram armados e organizados conforme as probabilidades de seu emprego e instruidos em consequencia. «Já vos tenho dito que a ordem de batalha adoptada admittie todas as modificações impostas pela natureza do inimigo e do terreno «porque é sempre o inimigo e o terreno que devem determinar nossas disposições».

Tomemos agora as questões que se referem mais directamente á cavallaria.

O methodo para armar, instruir e empregar a cavallaria é ainda o mesmo e attende ás suas propriedades especiaes.

No emtanto, convem notar a apreciação que o autor faz em relação ao *choque da cavallaria* que ainda parece causar certa impressão em alguns espiritos mesmo depois do que já escreveu Ardant du Picq.

Diz o autor da obra de que tratamos: «Não me digais que a impetuosidade com a qual se lança o cavallo faz com que seu choque seja mais terrivel; desde que elle começa a perceber que é através das pontas dos picques que é preciso passar, por si mesmo retarda a corrida e, quando se sente picar, volta logo á direita ou á esquerda».

E' evidente que o autor considera a cavallaria inferior no combate á infantaria, por causa de seus meios naturaes, de acção a cavallo, então quasi unicos.

«Os exemplos que vos tenho citado provam que, em nossos tempos mesmo, ella (cavallaria) tem recebido reverses e será sempre assim todas

as vezes que ella atacar uma infantaria armada e ordenada como tenho dito acima».

Não será difficil imaginar qual seria a opinião deste autor n'uma época em que o canhão dispara a 8 e 10 tiros por minuto, alcança 12 kms. e a infantaria possui armas que alcançam até 4 kms. e disparam 500 tiros por minuto!

Não dispondo dos meios de acção de que hoje dispõe, a intervenção da cavallaria na batalha era secundaria e, por isso, seu papel muito inferior ao que é hoje nos exercitos.

No entanto, era necessaria e imprescindivel para preencher o papel que ainda hoje desempenha, embora de um modo mais completo agora que tem os recursos do armamento, armas automaticas e canhões, e o concurso da aviação.

«Sem duvida que é preciso ter cavallaria, não como base e somente como força secundaria do exercito. E' muito util e necessaria para ir a descoberta, correr, varrer o paiz, inimigo, tel-o sempre sob armas, interceptar os viveres; mas na batalha, objecto e fim principal dos exercitos, ella não pôde prestar grandes serviços; ella só é util para perseguir o inimigo posto em derrota».

Taes considerações fizeram surgir naquelle tempo objecções e entre ellas as derrotas soffridas dos parthas, pelos romanos.

A ellas a resposta: «um ou outro povo venceu conforme era cerrado ou extenso o logar do combate. No primeiro caso, eram os romanos os vencedores; no segundo os parthas, cujo exercito achava grandes vantagens no paiz que tinha a defender.

Eram vastas planicies longe do mar, cortadas de rios afastados de 3 e 4 dias de marcha, não offerecendo, senão a grandes distancias, cidades e habitantes. Neste paiz, protegido por uma cavallaria muito activa, que hoje se apresentava num logar e amanhã a 50 milhas distantes, o exercito romano, retardado pela lentidão de sua marcha, não podia dar um passo sem correr os maiores perigos.

Esta é a causa da ruina de Cassus e dos perigos que correu Marco Antonio».

Para accentuar melhor a superioridade de meios da infantaria em combate contra a cavallaria diz elle:

«São raros os casos em que a infantaria não poderá, só pela disposição do terreno, preservar-se contra a cavallaria.

O menor obstaculo torna vã toda impetuosidade de uma carga de cavallaria».

De outra parte, mostra que a cavallaria tem vantagens em combater a pé, o que não é uma novidade como ha quem pense:

«Tambem Cesar, tendo de combater os helvecios nas Gallias, fez apelar toda sua cavallaria e ordenou afastar os cavallos do campo de batalha».

— Em vista destes empregos era a cavallaria d'aquelles tempos provida de armas que

lhe permittissem o combate a cavallo — lanças e espadas — e o combate a pé — espadas, escudos e couraças.

Vejamos agora algo da artilheria.

Os effeitos dessa arma nova não eram despreziveis em absoluto; eram, porém, mais facéis de combater que hoje.

«Para preservar dos effeitos da artilheria, não ha outro meio que se pôr fóra de seu alcance ou cobrir-se com intrincheiramentos de grande resistencia. Um general que quer, porém, combater não pôde encerrar-se em muralhas ou intrincheiramentos, nem se pôr fóra do alcance da artilheria; é preciso, então, que trate de soffrer seus effeitos o menos possivel e, para isso, deve procurar apossar-se della o mais depressa possivel. E' preciso, então, precipitar-se contra ella — (era bem simples ha cinco seculos a contra-bateria...) — em corrida rapida e não em passo cadenciado e em massa.

A vivacidade da corrida não permite ao inimigo atirar segunda vez e com fileiras abertas menos soldados são attingidos».

Infelizmente não temos lazer que nos permittam entrar em maiores minucias por certo muito interessantes, e que servem para corroborar a convicção que devemos ter de como as novidades actuaes nada mais são que adaptações a situações particulares de factos e leis eternas. D'ahi se pôde facilmente concluir a immensa vantagem que usufruiremos agora que as leis são conhecidas, desde que tenhamos paz de espirito bastante para perceber-as, comprehendel-as e segui-las.

Em conclusão, vejamos alguns excerptos, citados apenas, sem commentarios, para não lhes toldar a eloquencia:

I. «Comquanto estes exercitos sejam divididos em vanguarda, corpo de batalha e retaguarda, estas divisões não servem senão durante a marcha e o estacionamento; no combate o exercito inteiro ataca».

II. «Terieis vós sempre a mesma ordem de batalha em todas as occasiões? Não, sem duvida. Eu a mudarei conforme a natureza do terreno, a especie e o numero dos inimigos... E' sempre o inimigo e o terreno que devem determinar nossas disposições... Tende cuidado de nunca collocar vosso exercito perto de uma montanha ou dum logar visinho, porque se o inimigo delle se apossa, sua artilheria pôde vos fazer grande damno e não tendes meios de defeza».

III. «Bate-se ou se é batido. No primeiro caso, é preciso perseguir o inimigo com a mais viva rapidez.

No segundo caso, deve o general examinar se elle não pôde tirar algum partido de sua derrota, sobretudo quando ainda lhe restam algumas forças. Deve-se procurar aproveitar da negligencia do inimigo que muitas vezes segue a victoria.

Elle procurará tornar sua derrota o menos funesta: tirar ao inimigo os meios de a perseguir; semear obstaculos atraz de si».

IV. «Em todo caso é preciso sempre combater mesmo com certa desvantagem; porque valles mais tentar a fortuna que, apesar de tudo, pôde ser favorável, do que, irresoluto, soffrer uma ruína certa. Um general é tão culpavel de não combater como de deixar escapar, em qualquer tempo, uma occasião de vencer por ignorância, ou frouxidão».

V. «Não se é jámais vencido senão quando se teme ser vencido».

VI. «O exercito romano fazia sempre marchar deante de si alguns esquadrões de cavallaria para esclarecerem o caminho».

VII. «Se o inimigo vos atacar em varios pontos sem ser muito superior em forças, se enfraquecerá em toda parte e vos será fácil manter-vos de um lado, repellir de outro e vencer em pouco tempo».

VIII. «Muitas vezes as ordens mal interpretadas têm causado a derrota de um exercito; é necessario então, dar commandos claros e precisos».

IX. «A disciplina militar não é outra cousa que a arte de commandar e executar com precisão».

X. «Pensai bem que quando marchais em um paiz inimigo correis mais perigos que num dia de batalha».

XI. «Um grande general deve ser instruido a fundo de tudo que diz respeito á arte da guerra. E isto não basta, é necessario que possa achar por si mesmo todas as regras que necessita. Sem o espirito de invenção jamais fará nada. Tem-se louvado Alexandre quando querendo levantar acampamento, sem despertar o inimigo, fez annunciar a partida do exercito sem troar as trombetas, ferindo um casco apenas. Outra vez, no momento de engajar o combate, ordenou a seus soldados pôr o joelho esquerdo em terra afim de receberem melhor o primeiro choque. Isto deu-lhe a victoria e tanta gloria que as estatuas em sua honra o representam nesta posição».

XII. «Todo cuidado que se dá á disciplina militar tem por fim preparar o exercito para a batalha».

XIII. «Tudo que serve vosso inimigo vos prejudica; tudo o que o prejudica vos é util».

Não engajai jamais uma acção sem a esperança de vencer.

As melhores resoluções são as que se conservam occultas até o momento da execução.

Uma das maiores vantagens na guerra é conhecer a occasião e saber aproveitá-la.

A disciplina vale melhor na guerra que a impetuosidade.

Quando se dá uma batalha, vale mais reservar reforços atraz da primeira linha que espalhar as forças extendendo sua frente.

Durante o combate, se quereis evitar a desordem, não dai jamais a um batalhão outro emprego que o que lhe foi dado de inicio».

XIV. «Soldados, ferro, dinheiro e pão eis ahí o nervo da guerra; destes quatro elementos

os dois primeiros são os mais necesarios posto que com elles se obtem os outros dois».

XV. Finalmente: «O verdadeiro laço de um exercito é a consideração que o general nelle gosa, a qual só deve a seus talentos e que esperará em vão de seu nascimento ou de sua autoridade».

CONCLUSÃO

Temos por legitimo concluir reaffirmando que a insufficiencia pratica que o instituto de nossa defeza nacional ainda accusa, reside notadamente na ausencia de uma mentalidade conveniente: quer na nação, a bem dizer de um modo completo; quer no Exercito, um pouco menos, por que ahí é o phenomeno sentido, no minimo por alguns de seus membros.

Não é isso um phenomeno social que nos apparece isolado. Ao contrario, vem entrelaçado com todos os outros da mesma natureza e toma com elles aspectos semelhantes.

Na ordem politica, de que o problema militar depende intimamente, a ausencia de uma mentalidade predominante é também o traço caracteristico essencial. Esse não é, porém, um mal exclusivamente brasileiro, coexiste em quasi todas as patrias; atenuado n'umas, aggravado n'outras, conforme dominam os partidos politicos ou os individuos, quando não existem partidos.

Nos regimens parlamentares, onde mentalidades diversas se revesam no poder, conforme os partidos em voga, o progresso apresenta um caracter descontinuo, oscillante. Nos paizes mais ou menos dictatoriais, que o são quasi todos de regimem presidencial, o progresso é uniforme e continuo, embora nem sempre rapido, como se dá no Rio Grande do Sul, se ha um partido politico dominante; ou, tem o caracter oscillante dos regimens parlamentares, se predominam em vez de partidos apenas individuos. Nesse mesmo caso, ha ainda saldo a favor do presidencialismo porque as mudanças são menos rapidas e os prazos de mando em geral mais dilatados.

Como, pois, resolver o problema militar sem resolver o problema politico?

Jamais será possivel obter uma solução completa sem que os politicos adquiram um modo uniforme de encarar as necessidades da defeza, porque são elles os doadores dos meios. E' necessario que tenham uma mentalidade uniforme, a tal respeito pelo menos.

Para se chegar até lá o melhor recurso é tornar os órgãos permanentes da defeza o mais independentes possivel da politica, o que evitará o envolvimento das questões militares nas questões de ordem partidaria.

Isto feito, crear desenvolvida ao maximo a mentalidade guerreira da força permanente. É obra facil e para a qual ha sobejos recursos, no câos orçamentario, das dotações que nos cabem, desde que adaptemos as verbas ás necessidades mais urgentes.

Para a formação dessa mentalidade basta tornar obrigatorio o dever da instrução para todos os postos, e fazer cumprir os regula-

mentos mantendo o seu espirito rigorosamente imperturbavelmente.

Esse resultado não será conseguido, porém, sem que a hierarchia militar haja attingido um gráo elevado de cultura e tanto mais elevado quanto maior o posto.

Portanto, instruir o quadro todo em seu conjunto; melhorar as condições da hierarchia, por uma selecção rigorosa.

Para instruir os quadros em seu conjunto, tornar obrigatórios os cursos da M. F. e crear

os que faltam; para reformar a hierarchia, nova lei de promoções e nova lei de reforma.

O problema da instrucção não ficará assim definitivamente resolvido, o que só poderá ser obtido por uma hierarchia realizada de facto, mas encontrará ali uma optima base de partida.

Se não perdemos de vista que um exercito vale o que valem seus quadros, bem podemos aquilatar da capital importancia dessas reformas.

Não são ellas as unicas a effectuar, bem o sabemos, e comportam outras parallelas, mas parecem ser as fundamentais.

QUINTA ARMA — SALVE !

O senador Carlos Cavalcanti apresentou ao Senado Federal o projecto que estabelece a nossa Aviação Militar como a quinta arma do Exercito.

No ponto de vista estritamente militar nada mais urgente nem mais logico.

Basta considerar-se a primeira de suas consequencias — a formação dos quadros da aeronautica.

Com effeito; a aviação com pilotos e observadores tomados por emprestimo das armas; seus órgãos de direcção entregues a officiaes leigos no «métier» dos ares; as formações aereas sem a consistencia organica necessaria são aspectos que, por si sós, ressaltam as vantagens immediatas da criação de quadros especiaes.

Mas, o projecto vae além disso. Prevê com elevação de vistas digna de registro o recrutamento, o accesso, a reforma e as garantias materiaes que devem manter sempre flammejante a chama de ousadia que levará os nossos patricios ao dominio do ar. E as prescripções a esses respeitos são de molde a afastar os inconvenientes que se têm verificado na criação ou ampliação de quadros que temos feito nas armas e em outros serviços.

Em todo o texto nota-se a intenção de ser honesto, verdadeiro, de resolver realmente o problema da Nação ao em vez de attender aos interesses pessoaes.

Ao nosso vêr, porém, o que ha de mais notavel no projecto em questão são os laços que estebelece entre a aviação militar, a aviação naval e a aviação civil — ou sejam os aspectos nacionaes do projecto.

Evidentemente nada nos adeanta possuir uma Aviação Militar que seja um kisto na Nação. Ao contrario, precisamos que ella seja ao mesmo tempo o arcabouço das azas do Brasil e constante estimulo para que as nossas azas cada dia se tornem mais amplas, vão mais longe e voem mais alto.

Desse modo o projecto referido regula o controle de todo o movimento aviatorio do paiz; cogita de fazer do pessoal e do material da aviação civil reservas vitaes do Serviço de Aeronautica; prevê os cuidados que se deve ter em estimular todas as fontes de onde possam brótar iniciativas aviatorias. Não se vê o Exercito como coisa a parte da nação mais intimamente ligado ás necessidades e possibilidades nacionaes.

Assim, além do primeiro passo para a «decollage», offerece-nos esse projecto notavel exemplo de como se devem organizar todos os demais aspectos da defesa nacional.

Essa é excellente oportunidade para que se sinta a importancia da estreita juxtaposição das questões militares ás suas homologas civis. A razão principal de ainda não termos aviação de nenhuma especie está em havermos pretendido fazel-a no compartimento estanque dos Affonsos.

Agora sim, voaremos. Não está em jogo o Exercito. Nas azas da Nação é que vamos voar. A Nação é que voará arregimentada, instruida, abastecida e dirigida pelos technicos militares.

Muito bem!

Idéas sobre a organização militar Argentina (1)

II

DIVISÃO REGIONAL QUE CONVIRIA E CENTROS CORRESPONDENTES

Levando em conta o critério da maior equivalencia possível da população das differentes regiões, a conservação da subdivisão politica do paiz e a melhor possibilidade de reunião por vias ferreas dos respectivos territorios, uma conveniente divisão regional seria a seguinte, com os centros que se denominam:

Primeira Divisão — Capital Federal.

Segunda Divisão — Provincia de Buenos Aires, limitada ao Sul pela linha Mar del Plata, Tandil, Olavarria, Pigué, Derrattgueira, exclusive. Commando em Campo de Mayo (corpos «escolas» das differentes armas).

Terceira Divisão — Provincias de Entre Rios e Corrientes e Territorio de Missões. Commando em Paraná.

Quarta Divisão — Provincias de Córdoba, La Rioja e Catamarca. Commando em Córdoba.

Quinta Divisão — Provincias de Tucumán, Santiago del Estero, Salta e Jujuy e Territorio dos Andes. Commando em Tucumán.

Sexta Divisão — Provincia de Buenos Aires, ao Sul da linha acima referida, ella inclusive, e Territorio de La Pampa, Neuquén, Rio Negro, Chubut, Santa Cruz e Tierra del Fuego. Commando em Bahia Blanca e forte guarnição em Neuquén.

Setima Divisão — Provincias de Mendoza, San Luiz e San Juan. Commando em Mendoza.

Oitava Divisão — Provincia de Santa Fé e Territorio do Chaco e Formosa. Commando em Santa Fé.

Só depois de feita esta divisão territorial e a correspondente distribuição de guarnições das tropas de paz é que se poderá traçar um plano de construção de quartéis. Mas é preciso ficar subentendido que a falta momentanea de quartéis não deve servir de pretexto para

demorar de um dia a necessaria transformação do Exercito. Por mais de uma vez temos sentido as consecuencias da ausencia de tropas de linha nos dilatados Territorios do Sul e esta situação não pôde subsistir. Assim o exige a manutenção da soberania nacional.

AS GRANDES UNIDADES DE CAVALLARIA

Presentemente as grandes unidades de cavallaria se constituem dentro das circumscripções de algumas das Divisões de Exercito existentes, levando em conta, quanto á sua localisação, que ellas devem encontrar-se em regiões que, pela densidade de sua população, permitam seu facil recrutamento e mobilisação, ao mesmo tempo que seu rapido deslocamento para pontos do paiz onde terão seu provavel emprego.

Tal critério é acertado e deve ser mantido. Estas unidades de cavallaria não podem, por si sós, completar o systema de Divisão militar do paiz, occupando o lugar de Divisão de Exercito, pois são órgãos do Exercito em Campanha, destinados á grande exploração para a frente, emquanto que estas ultimas são partes constitutivas da massa do Exercito; e essas unidades de cavallaria, nem pela sua missão, nem por sua capacidade combativa mais limitada, podem subsistir ás Divisões de Exercito.

O numero actual de tres grandes unidades de cavallaria parece sufficiente.

A INSTRUCCÃO DAS RESERVAS

De nada serviria o melhor systema de preparação de um Exercito, grande ou pequeno, baseado no serviço militar obrigatorio, se não houver a obrigação de attender devidamente á outra condição indispensavel á aptidão daquelle para a missão a que está destinado: a instrucción das reservas.

E' sabido que são as reservas que formam a massa de um Exercito mobilizado, massa na qual ficam diluidos os effectivos permanentes de paz, consti-

(*) Veja-se o n.º 149-150 de Maio e Junho.

tuindo estes, quanto são tão reduzidos como os nossos, uma debil porcentagem dentro do conjuncto. E deve-se pensar no escasso valor que terá um Exercito quando faltam ás suas reservas o gráo de preparação sufficiente e o treinamento necessario, requeridos pelas duras exigencias da vida de campanha e por outras ainda mais duras e que são as da luta com um adversario instruido e aguerido. A historia recente das guerras europeas nos dá tambem um exemplo nesse sentido: o colossal panico do exercito turco (guerra de 1912 contra os paizes balcanicos) nos acontecimentos de Kirkilisé onde uma massa de 80.000 homens, impressionada pelos primeiros encontros da vanguarda, com as tropas bulgaras, poz-se em fuga, alastrando os campos com as suas armas e petrechos. E não é que aos soldados turcos faltassem condições guerreiras; largos seculos de luta lhes crearam um conceito de alto gráo. E' que se tratava, no caso citado, de reservistas que haviam passado muitos annos sem serem repassados pelas fileiras, afim de refrescarem e manterem a sua instrução e treinamento militar.

E a este respeito temos que fallar outra vez com clareza, para nós. As reservas do nosso Exercito — e faz mais de vinte annos que se instituiu o serviço militar obrigatorio — nunca foram chamadas, por falta de recursos correspondentes, para breves periodos de instrução que lhes permittam manter sua aptidão militar, já por si tão escassa em consequencia do seu curto e insufficiente tempo de passagem pelas fileiras. Em taes condições e sem nenhum exagero, pôde-se affirmar que as reservas do nosso Exercito não possuem mais valor que as dos turcos de Kirkilisé. Compete aos Poderes Publicos e ao paiz inteiro tomar tambem neste particular as medidas oportunas, para que não cheguemos a ficar expostos a contingencias tão fataes como as que o referido Exercito teve que soffrer. Um prudente augmento do tempo de serviço nas fileiras para satisfazer ás enormes exigencias da instrução militar de hoje e um chamado periodico de determinadas classes de reservistas para manobra, de curto prazo, são as medidas a serem adoptadas na solução do problema da melhor preparação das reservas.

A CONSTITUIÇÃO DOS AGRUPAMENTOS

A constituição dos agrupamentos é outra questão tambem importantissima, na qual, qualquer passo em falso, accaretará as mais funestas consequencias, porque ella constitue tambem uma das bases para a compra de armamentos destinado á instrução da tropa e para a realisação dos longos e complexos trabalhos de organização e mobilisação, em cujos problemas não se pôde estar a fazer ensaios, porque affectam á economia e á segurança nacionaes.

São problemas que se nos seus detalhes pôdem estar sujeitos a aperfeiçoamentos experimentaes, de maneira nenhuma o podem estar nas suas linhas fundamentaes, as quaes devem ser categorica e definitivamente traçadas antes de entrar em execução. Por isso, toda reflexão é pouca na determinação dessas linhas fundamentaes.

As extraordinarias proporções em que se desenvolveu a guerra europeia, tanto pelas massas enormes contrapostas, como pela somma de energias dos povos em jogo, deram nascimento a tão diversos elementos de combate e produziram transformações tão profundas nos processos de conducção do mesmo, que abalaram fundamentalmente as bases da organização daquelles velhos exercitos, tendo sido attingidos pela commoção até mesmo os do nosso continente. (Ao fallar de guerra europeia se deve entender que se trata dos acontecimentos dos paizes centraes e do Occidente, que foram os que verdadeiramente imprimiram o caracter ás transformações). Ha razões naturaes para que esta commoção nos alcance: é que possuindo nós as mesmas doutrinas táticas dominantes nos principaes exercitos europeos e provendo-nos de materiaes bellicos naquelles paizes, forçosamente estamos sujeitos a uma sensível influencia das suas transformações. Mas acontece que existem tambem factores, de ordem humana talvez, que tendem a dar á commoção uma intensidade maior do que a natural, dentre os quaes se pôde citar o espirito de novidade, que muitas vezes leva á adopção precipitada das coisas novas; e outro, mais perigoso ainda, os interesses commerciaes da industria da guerra que desejaria fazer acceitar inte-

gralmente nos nossos paizes a sua actual producção, quer nos convenha ou não, e que não ha de escolher meios para alcançar seus propositos.

Eis ahi porque o primeiro e capital criterio para resolver estes problemas deve ser o libertar-nos por completo destes factores perturbadores, afim de apreciar e resolver as cousas unicamente tendo em vista as conveniencias reaes e practicas do paiz.

Estas conveniencias nos vedam terminantemente, antes de tudo, acceitar as cousas da Europa, em materia de armamentos e organização, pela unica razão de terem ellas sido applicadas ou continuarem sendo applicadas ahi. Estas questões estão intimamente relacionadas com as condições geographicas, economicas e industriaes proprias e para resolvel-as temos que considerar essas condições. Somente um estudo profundo, sob todos esses aspectos, é capaz de levar-nos a conclusões acertadas sobre «o que devemos adoptar e sobre «o que podemos adoptar».

Tão pouco nos devemos deixar influenciar pelo que outros paizes do continente possam fazer em relação a este assumpto. Sendo as suas condições economicas e industriaes semelhantes ás nossas e tendo elles que operar, talvez em theatros parecidos, segue-se que se todos procederem com sensatez, ajustando-se ás exigências de taes factores, chegaremos todos ás mesmas conclusões; e se algum delles commetter erros, fazendo adopções desnecessarias ou inapplicaveis, não ha nenhuma razão para acompanhá-los no erro.

O CRITERIO QUE CONVEM

Vejamos que é «o que necessitamos adoptar» e que é «o que podemos adoptar» dos novos armamentos e organizações dos Exercitos europeos.

Para termo de comparação nesta investigação, é vantajoso tomar a divisão allemã de antes da guerra — que, pôde dizer-se, foi a base da unidade de operações entre nós e também entre alguns dos nossos vizinhos — e a divisão allemã actual como se calcula que ella esteja organizada presentemente, a cuja organização terão que se approximar provavelmente os paizes que já tinham aquelle modelo.

Os caracteristicos principaes da antiga divisão allemã e da actual, em sua composição de guerra, são os seguintes (contando somente infantaria e artilharia).

INFANTARIA

Combatentes com fusil: Divisão antiga, 12.000; divisão actual, 3.500 (mais ou menos).

Metralhadoras leves: Divisão actual, 324 (mais ou menos).

Metralhadoras pesadas: Divisão antiga, 72; divisão actual, 108 (mais ou menos).

Lança-bombas: Divisão actual, 18 (mais ou menos).

Granadas de mão: individual.

Canhões de acompanhamento: Divisão actual, 18 (mais ou menos).

Tanques de combate: eventual.

Organização (em regimentos): Divisão antiga, 4; divisão actual, 3.

ARTILHARIA

Peças leves (2 calibres): Divisão antiga, 72 canhões-obuzes; divisão actual, 48 canhões-obuzes.

Peças pesadas (3 calibres): Divisão actual, 24 canhões-obuzes, morteiros.

Total de artilharia: Divisão antiga, 72; divisão actual, 90, inclusive a de acompanhamento.

Alcance da artilharia leve: Divisão antiga 6.000 metros; divisão actual, 12.000 metros.

Organização: Divisão antiga, unidas de um mesmo calibre, baterias de 6 peças: divisão actual, unidades com diferentes calibres, baterias de 4 peças.

Muito fundamentaes são as differenças que estes numeros significam. Vejamos:

1º — Grande quantidade e variedade de machinas de guerra.

2º — Consideravel augmento da potencia de fogo por meio de machinas de guerra e diminuição de effectivos da infantaria.

3º — Organização ternaria da infantaria.

4º — Grande variedade de calibres da artilharia e augmento da sua proporção total.

5º — Grande augmento de alcance da artilharia leve.

6º — A organização da artilharia.

CAUSAS DAS INNOVAÇÕES

Antes de passar a examinar o que de todas estas innovações nos convem ou não, é opportuno lançar um golpe de vista geral sobre as causas que lhes deram origem, na guerra européa.

Já ficou dito acima que as causas capitaes foram duas: as enormes massas postas em frente uma a outra e as poderosas energias com que os povos belligerantes podiam servir aos seus exercitos. A primeira foi a causa que deu motivo ás innovações; a segunda, a que as tornou realisaveis.

Com effeito, os grandes effectivos dos Exercitos da guerra mundial, cobrindo por completo, em diferentes theatros, toda a frente dos mesmos, chegaram a tornar impossiveis os movimentos envolventes de alas e as acções sobre os flancos. Dahi resultou que os adversarios só tinham o terreno em frente para levar seus ataques e arrancar a victoria ao inimigo. Mas as acções frontaes são as mais difficeis e as mais lentas e isso produz, por uma parte, a estabilisação e enterramento dos contendores no solo — «tal é a guerra de posição» — e, por outra parte, a necessidade de inventar e de introduzir toda a arma ou elemento que permitta damnificar o inimigo, tanto de longe como de perto, esteja elle descoberto, sobre o solo, ou occulto em trincheiras ou protegido por fortes abrigos blindados.

Foram estas as circumstancias que deram origem a todas as armas e demais elementos destinados á infantaria e á grande variedade de artilharia, tanto em alcance como em calibre, empregando trajectorias de pequenas e grandes curvaturas, com differentes especies de projectis. As mesmas circumstancias deram lugar ao accrescimento extraordinario de todas as machinas mencionadas, para conseguir romper, a poder de fogo, as frentes fortificadas e intransponiveis tanto de um como de outro lado. E foram ainda as mesmas circumstancias que levaram aos phantasticos consumos de munição de que davam noticias as chronicas da guerra e consignados nos livros que a comentam.

E como poderam dispôr de todos estes meios os Exercitos da guerra européa?

Simplemente: porque por detraz delles estavam as poderosas industrias de todos os poderosos povos do Continente e, mais ainda, do mundo, para produzir e para provê-los sem limite, de armas e materiaes bellicos e porque á pequena distancia, atraz das tropas, seguiam as montanhas de munição. Factor de summa importancia, que permittia com segurança a opportuna disposição de taes meios de combate, eram ao mesmo tempo as excellentes e densas rêdes de transportes e de caminhos dos theatros de guerra europêos que facilitavam grandemente a mobilidade das tropas e suas columnas.

TRANSFORMAÇÕES IMPOSTAS

Em resumo, foram as circumstancias da guerra européa que impuzeram as transformações, isto é:

- Exercitos de milhões de homens;
- Theatros acanhados;
- Acções frontaes, sem possibilidade de manobra pelos flancos;
- Guerra de posição;
- Necessidade de innumeraveis machinas de combate e de grande potencia de fogo para romper as frentes;
- Disponibilidades de meios e recursos para a provisão de munição de maneira illimitada;
- Possibilidade de transporte de todos os elementos bellicos por uma excellente rêde de caminhos e vias-ferreas.

Vejamos agora o paralelo de tudo isso com o que occorrerá entre nós. As frentes de batalha dos pequenos exercitos destes paizes (supponhamos um maximo de 200.000 homens), não passarão de alguns kilometros, uns 50 ou 60, com que jamais se fecharão fronteiras e muito raro será o caso em que, na immensidade dos nossos territorios, possam elles ter as suas alas de tal maneira apoiadas no terreno que obriguem exclusivamente á acções frontaes. A luta será essencialmente em campo aberto, com ampla acção pelos flancos, ao mesmo tempo que precipitará as acções frontaes, impedindo as estabilisações sobre um mesmo terreno — «tal é a guerra de movimento». A guerra de posição será, por conseguinte, uma rarissima excepção nos nossos paizes; e ella

não existindo, são desnecessarias as armas e elementos que lhe são exclusivamente proprios. Quanto a dispôr de enormes quantidades de armas automaticas e variadas especies de artilharia empregadas na guerra européa ou as montanhas de munição que elles requerem para serem efficazes, nem em longos annos teremos uma industria capaz de provel-as, nem a aquisição por compra poderá dar-nos taes elementos na proporção illimitada em que os tinham e os terão aquelles exercitos. Emfim, ainda no caso de dispôr desses grandes aprovisionamentos de munição, as condições precarias de caminhos e vias-ferreas nos nossos longinquos theatros de fronteira, tornarão muito difficil o seu transporte na rectaguarda das tropas, o que sempre tirará as probabilidades do seu opportuno emprego.

ARMAS E ELEMENTOS NOVOS

Deste ligeiro esboço das causas das transformações dos Exercitos europeus se vê que a epocha da guerra — que poderíamos chamar das machinas — está ainda distante para os nossos paizes; primeiro, porque a sua applicação não é de absoluta necessidade e, depois, porque não se dispõem dos meios e recursos para o seu amplo desenvolvimento.

Mas, se a guerra de machinas não póde, nem poderá ser ainda por muitos annos, uma preocupação para o paiz, ha uma questão que deve ser objecto dessa preocupação, da mesma maneira que os demais problemas da defeza nacional já examinados (augmento de unidades de operações e instrução das reservas). Tal é a immediata aquisição de armas e elementos novos na medida necessaria ás nossas condições. São tres os elementos inseparaveis da defeza nacional:

- Sufficiente numero de unidades de operações.
- Efficaz instrução das reservas.
- Armas e materiaes da guerra moderna, apropriados ás nossas condições.

Qualquer destes elementos que falte, tornará falha a capacidade de defeza do paiz e esse estado de coisas perdurará enquanto taes requisitos não tenham sido satisfeitos completamente.

Vejamos agora, mais detidamente, como para nós se apresentam as trans-

formações fundamentaes nos armamentos e organizações acima mencionados e que conclusões delles devemos tirar para a constituição da nossa unidade de operação.

1º — Machinas de guerra e elementos de combate que por serem essencialmente da guerra de posição não nos são necessarios.

Neste numero entram granadas de mão, lança-bombas, morteiros e tanques de combate. Todos esses elementos são destinados a bater (os tres primeiros com trajetorias de queda quasi vertical e os tanques penetrando nas posições inimigas) as tropas enterradas no sólo e protegidas por blindagens contra as quaes as trajetorias rasantes e de pouca curvatura não têm bastante efficacia. Acontece, porem, que na guerra de movimento, que seria a nossa guerra, na qual falta o tempo para effectuar preparações defensivas, tão systematica e fortemente organisadas, a luta se trava, na maioria dos casos, sobre a superficie e, quando muito, com entrincheiramentos ligeiros, para os quaes bastam e sobram os fusis, canhões e obuzes. Por outra parte, na guerra de movimento, como já dissemos antes, na qual as manobras sobre os flancos serão sempre possiveis e de preferencia buscadas, pois a ameaça sobre as retaguardas obrigará os homens a sahirem immediatamente das suas cobertas para apressar as decisões á baioneta.

Estes elementos não nos podem ser, então, de verdadeira necessidade e, pelo contrario, sua adopção trar-nos-hia inconvenientes não desprezaveis, taes como gastos superfluos com prejuizo, talvez, de outros elementos mais necessarios; augmento da *impedimenta* dos homens e das columnas e perda de tempo no ensino do manejo de taesapparelhos, tempo que é tão escasso para a instrução difficil e multipla que se deve dar ás tropas.

2º — Consideravel augmento da potencia de fogo por meio de machinas de guerra e diminuição de effectivos da infantaria.

De 12.000 fusis a 3.500 baixou a Divisão allemã e, em compensação, subio de 72 machinas de fogo a 468.

Vimos, no esboço geral que acabamos de fazer, a que é devido e como se poudo dar na Europa tão grande po-

tencia de fogo á infantaria por meio de machinas de guerra. Vimos igualmente que nos paizes desta parte da America nem se necessita de maneira indispensavel, nem será possível por muitos annos tal potencia de fogo.

Sobre este ponto nada mais ha que dizer e quanto á proporção de machinas que nos conviria, fallaremos mais adiante.

O MENOR NUMERO DE FUSIS

Vejamos agora o outro aspecto da transformação que nos occupa, que é a diminuição do numero de fusis.

Muito justificada é esta diminuição nos grandes Exercitos da Europa. Nesses Exercitos de milhões de homens, a Divisão passou a ser uma unidade essencialmente tactica que quasi sempre combaterá enquadrada dentro de outras tropas; ella só terá que occupar-se da sua acção para deante, sem nenhum cuidado com os seus flancos; suas reservas são, por isso, quasi exclusivamente para reforçar a frente. Assim, as reservas podem ser menos numerosas. Do mesmo modo as frentes, com enorme potencia de fogo por meio de machinas, necessitam menos fusis.

Por outro lado, os combates entre aquelles Exercitos que podem produzir infernos de fogo uns contra outros se

resolverão quasi sempre pela acção do fogo sendo mais rara a acção á baioneta. Isto faz tambem que o numero de combatentes com esta arma não tenha tanta importancia.

Diametralmente oppostas são as cousas entre nós. Em Exercitos tão reduzidos como os dos nossos paizes, a Divisão pôde ser chamada com frequencia a combater isoladamente, devendo bastar-se a si mesma até ao fim da luta ou por muito tempo, até receber reforços. Requer por isso uma massa que lhe permita tomar com efficacia os dispositivos de combate tanto no sentido da frente como em profundidade e, quando estiver isolada, attender á sua propria segurança nos flancos e levar a cabo manobras de decisão contra o inimigo. Por outro lado, vimos que nós não podemos attingir á potencia de fogo dos Exercitos europeus. E emfim, entre nós, por esta ultima razão, a decisão do combate ha de pertencer, por muito tempo ainda, a acção da arma branca. Por todas estas razões, a proporção de combatentes de fusil deve ser muito maior que na actual divisão allemã, porque a nossa Divisão deve ter maior capacidade de operação, o que só se pôde conseguir com massa e maior capacidade de choque o que unicamente as baionetas podem dar.

O ensino pratico na E. M.

Após alguns annos de vacillações e tentativas em que se consumiram bellas energias de instructores e instruendos, acaba o ensino pratico da E. M. de entrar numa phase de plenitude verdadeiramente promissora.

Assim é que a instrucção technica começa a extravasar das praças de exercicios para os campos de manobras e o ensino tactico a saltar da carta para o terreno. Isso significa, apenas, que o ensino pratico na E. M. já vê claro a propria finalidade e, mais do que isso, que se lança clarivamente á sua objectivação.

Tal constatação deve ser motivo de grande satisfação para todos nós que amamos a Escola Militar como o manancial de todas as nossas possibilidades futuras.

A instrucção technica das armas é fundamental, mas tende a limitar os espiritos, a criar espirito de arma pronúnciado demais para quem se candidata ao officialato. A instrucção tactica na carta, e principalmente no terreno, generalisa as capacidades, rasga novos horizontes, conduz á ligação das armas.

Por fim, caldeados pela tactica geral, voltam as intelligencias e os corações para o ambito de sua arma predilecta sensivelmente dilatados, abertos a novas e proveitosas acções.

Só temos de nos admirar de haver demorado tanto o advento da phase superior agora attingida pela E. M. Data de 1919 a refusão mais decisiva que se levou á escola basica do Exercito. Sete longos annos foram precisos para que se desse inicio a methodicos e progressivos exercicios tacticos com tropa como feixo da instrucção annual ministrada na praça de exercicio e na carta.

A E. M. é a unica escola que dispõe de pequeno destacamento das tres armas, pequeno na verdade mas de elite por que constituido de candidatos a officiaes.

Que de interessantes exercicios permittirá elle fazer, com a sua composição real ou representando conjuncto maior se os chefes e instructores da E. M. poderem tirar todo o partido da iniciativa que ora registamos?

Sem nenhuma reserva aqui ficam os nossos entusiasticos e confiantes applausos.

PRÓ INSTRUÇÃO

Pelo Ten. Cel. Paes de Andrade.

Pensam alguns officiaes subalternos que a instrução individual e mesmo a do grupo de comtate devem ser inteiramente entregues aos monitores e sargentos.

O Regulamento estabelece, de um modo geral, que o instructor de uma unidade qualquer é o seu commandante, fiscalizando a instrução o chefe immediatamente superior.

Já uma primeira obrigação está ahi explicitamente imposta ao official subalterno: *fiscalizar a instrução dos grupos*.

Mas, para que o grupo possa ser constituido é necessario que esteja completa a instrução individual, sendo os homens então reunidos e divididos pelas duas esquadras.

Ora, as falhas desta primeira phase vêm-se reflectir sobre a instrução do grupo, impondo-se, uma segunda vez, mas agora implicitamente, a presença do official, afim de fiscalizar e corrigir os defeitos, afim de evitar um grande trabalho ulterior.

Elle deve ser o artista que molda a massa a seu geito para que a obra saia perfeita.

Isto tudo do ponto de vista technico ou material; porquanto, se encarmos a questão pelo lado moral, ella resurge ainda com mais força, exigindo o contacto permanente do official com a sua tropa afim de não deixar escapar de suas mãos um dos factores essenciaes do mando: *a confiança no chefe*, decorrente do conhecimento de suas qualidades de saber e de character.

Abandonando todas as occasiões de impôr-se aos seus commandados, no mo-

mento opportuno elle será um estranho quasi indesejavel.

Os verdadeiros commandantes serão os sargentos e elles arrastarão a tropa já submissa á sua vontade e habituada ao seu mando.

Parece-me a mim incrível que officiaes jovens, ainda no começo da carreira, prefiram a commodidade dos Casinos ao convivo de seus subordinados; principalmente quando estes mais carecem da sua presença constante, isto é, na 1.^a phase da instrução.

Effectivamente, é nesta phase que se prepara o soldado, que elle aprende a obedecer e, bem sabemos quanto a cohesão adquirida, então, e a disciplina dos movimentos influem no combate.

Alem disso, o subalterno que assim procede mostra não lhe importar o modo pelo qual a sua pequena tropa se apresente ao publico, deixando reflectir o máo effeito causado sobre o seu Batalhão ou, por extensão, sobre o proprio Exercito.

Desde o momento em que o estímullo desaparece, esse official fica reduzido ao papel de um simples funcionario obrigado a comparecer ao expediente, não vibrando mais como militar e tornando-se, em pouco tempo, inapto para commandar.

O Exercito é uma grande machina na qual as engrenagens devem estar bem ajustadas e funcionando sem ruido e sem dentes quebrados.

No combate a victoria depende, em ultima analyse, do valor e do preparo das pequenas unidades.

Observações sobre a organização da Infantaria

pelo Cap. F. de Paula Cidade

A vida da humanidade se reduz a uma successão de lances: os povos e as instituições marcham por «etapas». O nosso exercito não foge à regra. Interessante é o nosso evolvi-mento.

Numa these que me deu a honra de ser contemplado numa das commissões do congresso internacional de historia, de 1922, com traba-lhosa documentação, estudei como se adaptaram as instituições portuguezas ao Brasil colonia, empregando os meios recommendados por von Martius, que ha muitos annos norteiam os meus estudos historicos.

Essa these, se Deus me dê vida e saude, ha de ser desenvolvida num livro. Não se re-morise o cauto leitor desta revista, suppondo-me capaz de trasladar para aqui semelhantes locu-brações.

Nas linhas que se seguem, partindo da affirmativa que as primeiras linhas deste ar-tigo encerram, demonstrarei apenas que o ad-vento da missão franceza foi uma «etapa» que se completa em dois lances.

Neste primeiro lance, adoptamos uma dou-trina de guerra, fixamos o rumo da nossa es-trategia, preparamos a methodica solução exi-gida pelos serviços e desenvolvemos largamente os nossos conhecimentos tacticos, postos em mol-des novos e adequados às condições materiaes da guerra de nossos dias.

Embora pequeno o numero dos officiaes passados pela missão franceza, a doutrina fi-xou-se em todos os regulamentos, que já dis-põem de commentadores adestrados.

Isso quer dizer que o primeiro lance está hoje a exigir apenas boa vontade e perseve-rança.

Urge que iniciemos o segundo lance, refa-zendo o exercito em sua parte organica, pondo-o de accordo com o seu novo material de com-bate. Mas, pô-lo de accordo com o seu novo material não é decretar que as cousas se fa-çam de certo modo que, no fim de contas, nos pareça o melhor.

Só a experiencia é mestra suprema.

Ouçamo-la nestas observações, talvez pre-tenciosas.

1) A primeira observação não é nova e applica-se tanto ao exercito de hoje, como ao de hontem. No passado, era sensivel apenas nas guarnições afastadas, porque a Capital Fe-deral regorgitava de officiaes. Hoje em dia, os corpos do Rio de Janeiro estão passando por uma crise que seria evitada se a substituição do capitão se fizesse dentro da propria companhia. Realmente, o melhor substituto para o capitão é um dos seus tenentes.

Vio-se ultimamente, na propria guarnição do Rio de Janeiro, algumas companhias terem cinco ou seis commandantes por mez! Muitos desses commandantes nem haviam iniciado a con-ferencia da carga, quando foram substituidos.

O tenente A assumia o commando de tal companhia, mas no fim de dois dias apresen-tava-se o tenente B, que era mais antigo ou cousa que o valha. O tenente A deixava imme-diatamente o commando, para ir tomar conta de um pelotão de metralhadoras leves, de onde deslocava outro official mais moderno. Alguns dias mais, e eis que chegava ao Regimento o tenente C, mais antigo do que o tenente B. Nova contra-dança.

Imagine-se a descontinuidade administrativa a variedade de instrucção e as soluções de con-tinuidade na propria disciplina com essas mu-danças de commando.

Para as substituições dentro da companhia, uma unica excepção devia ser aberta: quando o subalterno chegado por ultimo fosse o mais antigo do regimento e não houvesse compa-nhia commandada por capitão para encaixa-lo. O caso da substituição dos capitães comman-dantes de companhia é tipicamente brasileiro e como tal deve ser resolvido.

2) O nosso R. I. Q. T., que é a pedra angular de todo o preparo da tropa, não pre-screve que as unidades de metralhadoras raspem todos os elementos aproveitaveis das companhias de fuzileiros.

Se tal se dêsse, teriamos o absurdo, como vae se ver.

— Para que servem as metralhadoras?

— Para apoiar a infantaria, em ultima ana-lyse. Ora, se essa infantaria não fôr emprehen-dedora, audaz, habil no manejo de seu ma-terial, parece que não vale a pena ter essa elite de metralhadores e serventes de petrechos, destinada a trabalhar em proveito de quem não vae lá das pernas...

Compreende-se que a razão está sempre com o meio termo: nem dar-lhes um rebuta-lho, nem dar-lhes um escol.

As unidades de metralhadoras devem in-corporar directamente os homens que lhes são destinados, para que dentro da propria unidade se faça a selecção — os mais aptos para as partes mais delicadas, os demais para conduc-tores, etc.

E' o que se tem feito em grande numero de unidades, onde o R. I. Q. T. foi sacrifi-cado em holocausto á eficiencia.

3) Em se tratando de metralhadoras, é ne-cessario encarar o problema dos pelotões de metralhadoras leves dos batalhões incorporados, no que diz respeito á sua vida ordinaria.

Os quadros de um Pel. Mtrs. L. compre-hendem apenas um official subalterno, um ter-ceiro sargento e um cabo; no entanto, o seu papelorio e o seu serviço diario são compa-raveis aos de uma companhia commum. E' esse unico sargento quem deve fazer os papeis diarios, pernoites, vales de rações, es-cala e papel de serviço, partes e seu registro, informações, etc., quem organiza os pedidos, passa guias e as registra, faz as relações de

vencimentos, quer o borrão, quer a limpa, bem como a respectiva recapitulação, os ajustes de contas, os pedidos de descarga, escriptura o livro de alterações e altera as escalas, as cadernetas do pessoal, o livro de tiro, etc.

Como isso exceda á capacidade de trabalho de um homem só, fica tudo atrozado.

O serviço de guarda dos alojamentos realmente não existe, por falta de pessoal e por falta de quem o fiscalize.

Se se quizer examina-los, ver-se-á que os pelotões de commando dos batalhões incorporados têm pessoal de sobra para a parte administrativa; falta-lhes pessoal dirigente para a respectiva instrução, dadas as occupações ordinárias do ajudante.

Parece que a solução exigida pela pratica seria fundir o P. C. e o P. M. L., dando-lhes uma administração commum. O tenente do pelotão de metralhadoras leves passaria a ser o subalterno encarregado da instrução de todo o P. C., sem deixar de ser o commandante do P. M. L.; o ajudante, exercendo o commando do conjunto, faria a centralização administrativa e disciplinar. O alojamento seria um só, com redução do pessoal de serviço, etc.

4) O nosso R. E. C. I. em sua primeira parte consigna, no mappa do effectivo de guerra da companhia, uma secção de commando; a consolidação, referente ao effectivo de paz, consigna tambem a secção de commando, porém com effectivo reduzido. No entanto, a secção de commando entra tão pouco em nossos habitos, que raramente apparece nos exercicios de combate, ou nos proprios combates, neste caso para augmentar os magros recursos em combatentes. Durante as operações intensivas de S. Paulo, não me recordo de ter visto uma unica em funcionamento.

No entanto, nos combates normaes, em que «o capitão faz a companhia combater por meio dos seus pelotões», a secção de commando é indispensavel. Partindo d'aqui resolvi (coisa que naturalmente não fui o primeiro a fazer), realisar uma serie de exercicios, verdadeiras experiencias, logo acompanhadas por officiaes de indiscutivel capacidade.

Reforçando os quadros de minha companhia com os de outras subunidades, postos á minha disposição pelo commandante de meu batalhão, que se dignara a acompanhar de perto esses trabalhos, entrei a estudar as minucias do remuniciamento do grupo de combate na offensiva e o funcionamento da secção de commando.

Para não alongar estas observações, convem tratar apenas desta ultima parte. Ha no primeiro grupo da secção tres corneteiros e tamboreiros, para ligações; ha no segundo grupo dois corneteiros para signaes. O quadro nada diz sobre taes elementos.

O coronel Barrand, da M. M. F. e meu presado mestre da Escola de Estado Maior, organizou um excellente esboço do funcionamento da secção de commando, que distribuiu com os seus alumnos.

Partindo do esboço do coronel Barrand, a secção de commando foi accionada por diversas vezes, não só dentro de uma situação

tactica, como em condições muito approximadas do combate real em terreno accidentado.

Deu muito bom resultado o destacar cada um dos tres corneteiros de 1.º grupo, desde o inicio, junto a cada um dos pelotões de combate. Esses homens conseguiram, logo depois, fazer idas e voltas entre o P. C. da companhia e o respectivo pelotão, em condições acceptaveis num combate e sem indecisões. Quando eram deixados inicialmente junto ao P. C. da companhia, só difficilmente chegavam aos pelotões empenhados. Tambem, os mensageiros mandados dos pelotões e tirados dos combatentes tateavam durante um tempo apreciavel para chegar ao P. C. que previamente não haviam localizado.

As maiores necessidades de communicações faceis são dos pelotões empenhados para o commando da companhia; um pelotão empenhado é carta jogada na mesa.

Em todo o caso, o commandante da companhia dispõe ainda de tres estafetas da propria sub-unidade, do esclaecedor montado e dos estafetas do batalhão — nem sempre destacados desde o inicio junto a esse organo.

Finalmente, o regulamento propiciou o furriel para destacar para fora da companhia, o que é, sob o ponto de vista organico, um absurdo no Brasil, onde todo o serviço diario da companhia depende desse sargento.

E' o furriel quem faz diariamente o vale de rações, quem joga com as grades correspondentes, verifica as rações e responde pecuniariamente por ellas, quem tem a seu cargo todo o material da companhia, todas as munições immediatamente dispensaveis, quem faz as relações de vencimentos e mesmo paga as demais praças, etc., etc.

Para substitui-lo, um sargento não treinado não pode dar conta desse serviço.

Por sua vez, a boa marcha do remuniciamento e a sua disciplina exigem a presença de um sargento no posto de remuniciamento da companhia. Eis ahi o lugar em que o sargento furriel deve se achar em combate.

5) Uma observação feita na infantaria, mas que parece applicavel a qualquer arma, é a referente á promoção de cabos e sargentos. O systema actual não passa de uma experiencia mal succedida. E' da natureza do serviço militar que os sargentos não sejam funcionarios communs, mas auxiliares dos seus chefes, por elles escolhidos.

Entre nós, realizado o concurso, só resta ao candidato aguardar que se dê a desejada vaga. Nada o leva a dedicar-se cada vez mais ao serviço.

Tambem não se diga que o systema actual produziu melhores sargentos, sob o ponto de vista de preparo geral, do que eram os sargentos do velho exercito: basta compulsar o archivo dos corpos, para verificar que noutros tempos não faltaram optimos amanuenses, com invejavel calligraphia, com excellente redacção, asseiadissimos no que escreviam.

Hoje em dia parece que é mistér voltar ao systema de escolha do sargento pelo respectivo capitão, que certamente seria aprimo-

rado se se estabelecessem exigencias limitadoras do arbitrio dos chefes de sub-unidades.

Parece que convenha ao Regimento, por exemplo, fixar uma data em que todos os candidatos fossem submettidos a um exame de sufficiencia theorica, comprehendendo apenas um exercicio de redacção, calligraphia e arithmetica.

Uma vez promovido, nenhum sargento com menos de tres annos de posto poderia ser transferido sinão por castigo.

Ver-se-ia como todos os candidatos se esforçariam por bem servir e poder-se-ia dizer — tal capitão, taes sargentos.

E' inutil accrescentar que o preparo militar não se adquire no tal pelotão de candidatos a sargento.

Não ha muito, dizia um official francez que todas as armas concorrem, em Pariz, ao

serviço de guarnição e apresentava como vantagem de tal systema o minimo de sacrificios que impõe a cada um, pela concorrência de todos. A cavallaria, por exemplo, apresenta-se a pé e quando lhe toca o serviço, sacrifica uma jornada de instrução.

Entre nós, é a infantaria que sacrifica não uma, mas as trinta jornadas de um mez que tenha esse numero de dias, e só quando tem a felicidade de ter ao lado uma unidade irmã é que consegue, nos bons tempos, aproveitar para seu ensino 50 % do praso regulamentar a elle destinado.

**

Convinha examinar o que ha de verdade nestas observações. E' trabalho urgente. Traz-me á memoria aquella voz de commando dos antigos regulamentos: « Por lances — Marche — marche ! »

DANDO O EXEMPLO

« A Defesa Nacional », com o seu numero 151 correspondente ao mez de Julho, ao mesmo tempo que retomou sua publicação mensal saltou os muros do meio militar, derramando-se aos quatro ventos da divulgação em larga escala que lhe será assegurada pela venda avulsa.

Essa sorte de exteriorisação do pensamento de todos nós se repetirá todos os mezes e, a cada nova oportunidade, novos progressos iremos introduzindo na grande obra da nossa propaganda.

E' urgente que a Nação conheça o Exercito que tem e o Exercito que deve ter. E em nossas columnas — *graças ao apoio que vamos merecendo de nossos camaradas esforçados e ainda confiantes* — desfilarão todos os nossos males e todas as nossas grandezas, os nossos soffrimentos e os nossos sacrificios.

**

Essa resolução será em breve consolidada com o apparecimento da collaboração civil.

Iremos procurar technicos apaixonados pelas questões geraes que interessam de perto ás questões da defesa nacional. Problemas como o dos transportes, das industrias chimicas, da metallurgica, da

viação maritima, fluvial, rodoviaria e ferroviaria, de estatistica e direito internacional, emfim todos os problemas vitais para a organização militar do paiz desfilarão em nossas paginas tangidos por mãos capazes e emprehendedoras.

**

A força que nos impelle é a da convicção em que estamos de que o resurgimento militar do Brasil está em extirpar-se da mentalidade dos dirigentes e da massa da população uma serie de preconceitos que estiolam todas as suas boas intenções por melhores que lhes pareçam ser.

De outro lado está a certeza de que a extirpação de semelhantes prejuizos agirão beneficemente sobre o nosso organismo militar, sobre nós mesmos, reactivando sobretudo as energias moraes da nossa gloriosa instituição.

E temos confiança no exito, porque quando se está com a verdade — *quando se sente o que se diz e o que se faz* — todos os caminhos se abrem, todos os obstaculos se afastam.

Que assim seja!

PONTARIA Á LUNETTA

Pelo Major *Plutarcho Caiuby*

E' principio corrente na artilharia de campanha que, ao chegar a Bia. á posição de tiro, seja logo collocada em vigilancia pelo commandante da linha de fogo.

Para tal fim tem-se adoptado o processo aqui conhecido pelo nome de seu introductor — o Sr. Cmt. Weller, da M. M. F.

Nelle o P p e a direcção geral são previamente indicados pelo Cap.

O Cmt. da linha de fogo então faz apontar ao sentimento a peça-directriz, tomando, para isso, um ponto de vigilan-

cia que lhe convém em virtude da missão recebida ou por outra consideração qualquer. Para isso, determina a deriva para a peça directriz e commanda-a para a Bia. com o escalonamento conveniente, de accordo com a frente a bater.

De posse desses elementos (deriva e escalonamento devidos ao ponto de vigilancia definitivo), que são os que convêm á Bia., o Cmt. da linha de fogo estabelece a *differença* entre a deriva que provisoriamente adoptará e a commandada pelo Cap., obtendo assim um angulo de transporte que, com o escalonamento de repartição, commandará para

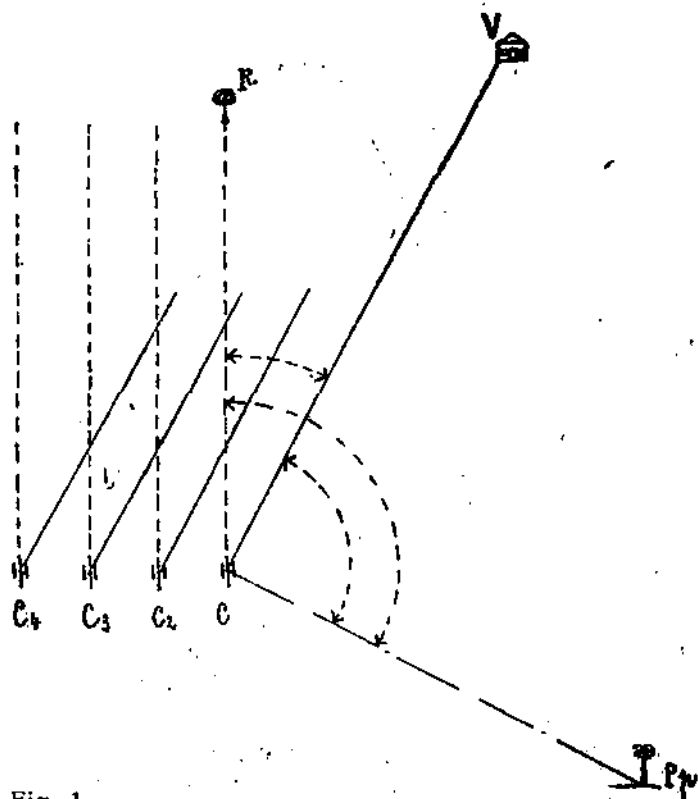


Fig. 1

cia provisório. Em seguida, faz referir a pontaria em direcção sobre o Pp e commanda a deriva de referencia, com o escalonamento conveniente, para toda a Bia.

Mas o Cap. não quer a Bia. orientada para o ponto de vigilancia provisório (que, ás mais das vezes, elle ignora qual seja), mas sim sobre o ponto de

a Bia. O signal da correcção será + (mais) ou - (menos), conforme a deriva recebida seja menor ou maior do que a provisoria, ou, por outra, o Cmt. da linha de fogo procurará igualar a sua deriva a do Cap., e d'ahi resultará o signal a dar á correcção.

Para maior clareza, exemplifiquemos (Fig. 1):

Tendo o Cmt. da Bia. designado o Pp (coqueiro á retaguarda e á direita) e, approximadamente, a *directção-geral*, o Cmt. da linha de fogo, logo depois de occupar a posição, orienta a peça directriz sobre R (ponto de vigilancia provisório); em seguida, faz referir a pontaria sobre o Pp, obtendo assim a deriva provisoria de vigilancia R-C.Pp; calcula o escalonamento de parallelismo e, com esses elementos, forma o feixe.

O Cap., querendo porém a Bia. em vigilancia sobre V, determina, de seu observatorio, a deriva conveniente V-C-Pp, bem como o escalonamento de repartição, si fôr o caso, e commanda esses elementos.

1º A grande predilecção de nossos capitães pelo processo de pontaria á luneta;

2º Que esse processo, sobre ser mais simples, é geometricamente exacto;

3º Que, em muitos casos, pontos de pontaria, bem visiveis do observatorio, não o são da linha de fogo, sendo portanto vantajoso deixar ao subalterno a escolha do Pp. mais conveniente;

4º Não são raros os erros no calculo das parallaxes, como tambem não é difficil haver trocas de signaes.

Essas considerações nos induziram a estabelecer um processo de pontaria que tem pontos de contacto com o do Cmt.

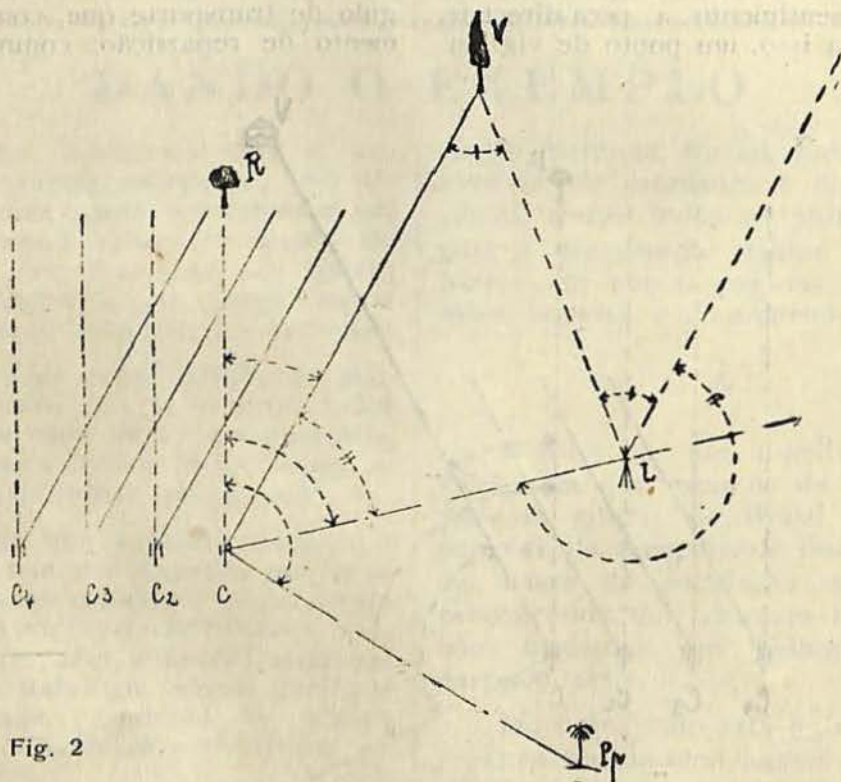


Fig. 2

Estando a peça directriz apontada sobre R, para dirigil-a sobre V, será necessario modificar sua direcção do angulo RCV, ou seja RCPp — VCPp.

*
* *
*

Exposto o processo Weller, passemos ao caso de pontaria que hoje apresentamos aos nossos jovens artilheiros e que é de extrema simplicidade, além de muito se assemelhar ao acima exposto.

A experiencia adquirida em 17 annos de pratica de tiro nos tem mostrado:

Weller, pois o Cmt. da linha de fogo é quem colloca a Bia. em vigilancia, ficando, porém, á sua escolha o Pp que lhe servirá para formar o feixe, bem como o transporte do plano de tiro da peça directriz para o ponto de vigilancia do Cap. será feito por pontaria reciproca sobre o instrumento director.

Exemplifiquemos (fig. 2)

Occupada a posição de tiro e indicada a *directção-geral*, e estando á vista o instrumento director collocado no observatorio, enquanto o Cap. estuda as condições de tiro, ou cousa que o valha,

o Cmt. da linha de fogo orienta a peça directriz sobre R (ponto provisório de vigilância); depois refere a pontaria sobre o instrumento director, tomando nota da deriva de referencia; em seguida refere novamente a pontaria — agora sobre o Pp — e, com um escalonamento conveniente, forma o feixe.

Quando o Cap. quizer collocar a Bia. em vigilância sobre V, commandará para a peça directriz C a deriva reciproca

LCV, supplemento de VLC. E então, para que essa peça fique apontada para V, será necessário commandar o angulo de transporte $RCV = RCL - VCL$.

Quanto ao signal da correcção, como no caso precedente, elle será + (mais) ou - (menos), conforme a deriva recebida do Cap. seja menor ou maior do que a de referencia: sobre o instrumento director, procurando o Cmt. da linha de fogo sempre igualar esta áquella.

Nova lei de promoções

«A actual lei de promoções, data, como todos nós o sabemos, de 1891. São taes os nossos progressos sociaes e militares que não mais se pôde tolerar os moldes de lei antiquada como essa.

Parece que uma outra se impõe. Essa outra satisfaria ás necessidades actuaes se:

- 1) previsse a reforma de officiaes julgados inaptos por um Conselho Superior de Justiça (inaptidão moral, profissional ou physica);
- 2) prescrevesse deixar abertas as vagas de merecimento para cujo preenchimento não houvesse, no momento, candidatos com os necessarios requisitos;
- 3) impedisse a promoção por merecimento de officiaes reprovados nas Escolas da M. M. F. ou que tivessem cumprido sentença passada em julgado;
- 4) diminuísse o numero de membros da Comissão de promoções para que se definissem melhor as responsabilidades de cada um;
- 5) evitasse por seu proprio texto e por seu mechanismo de execução as promoções extra-lista (por criterios estranhos ao valor real dos promovidos);
- 6) fixasse tres ou quatro épocas do anno para as promoções (evitar prejuizos aos officiaes e jogo com as promoções);
- 7) estabelecesse folhas de conceito e notas em graus para afferir o valor dos candidatos (desde que fossem previstos

coefficientes fixos para cada um dos requisitos — exemplo: *illustração comprovada* — coeff. 5 predomínio de approvações simples sobre plenas; de plenas, sobre simples 8; de distincções sobre plenas 9; só distincções 10);

- 8) estabelecesse que desde o momento em que o official complete o intersticio e tempo de commando (previstos na lei) podesse concorrer á promoção pelo principio de merecimento;
- 9) considerasse no accesso por merecimento sómente as folhas de conceito do posto em que se ache o candidato (evitar que se chegue aos mais altos postos pelo que se tenha feito no começo da carreira) excepção feita, é claro, da primeira promoção por esse principio;
- 10) prescrevesse que cada proposta constasse de um numero de nomes igual ao das vagas mais dois (a titulo de reserva).

Como *transição* parece-nos que nada melhor que isso. E' certo que se extinguiriam mais de metade dos males actuaes do Exército.

E' bem possivel que se apresentassem reacções contra um regimen como esse que implantaria novas bases de selecção nas promoções, eliminaria os incapazes, etc. Mas não devemos esquecer de que do lado de quem tomar iniciativas dessa ordem estarão todos os bons elementos e muitos dos maus que o são por não sentirem estímulo para ser dos bons».

O thema de "A Defesa Nacional"

A despeito do cuidado que sempre temos na revisão das provas, no thema que publicamos no n.º 151 de 10 de julho findo escaparam-nos os seguintes erros, que nos apressamos em rectificar:

Página 178 (1.ª columna, item 3.º) — Em vez de o prazo para o RECONHECIMENTO, leia-se: o prazo para o RECEBIMENTO.

Página 179 (1.ª columna — Situação geral) — Em vez de estrada de ferro BENTAS — est. Campo Alegre, leia-se: estrada de ferro BROTAS — est. Campo Alegre; em vez de restabelecer as communicações pelos azues, leia-

se: restabelecer as COMMUNICAÇÕES INUTILIZADAS pelos azues.

Página 179 (2.ª columna) — Elimine-se o titulo A linha de etapas; em vez de 8 h. 30' (linha 32.ª), leia-se: 7 h. 50'; em vez de Est. Campo Alegre 15 (quinze) ... ás 6 h. 40', leia: Est. Campo Alegre 15 (quinze) ... ás 7 h. 15'; em vez de ás 5 h. 30' (linha 45.ª), leia-se: ás 6 h. 15'; em vez de Sueste (linha 46), leia-se: Sudoeste.

A vista desses erros, resolvemos prorogar o prazo do recebimento das soluções até 10 de Novembro.

Carta aberta aos directores do "Diario do Brasil"

Do Cap. J. B. Magalhães

Srs. Directores do "Diario do Brasil"

E' sempre confortador para um profissional qualquer ver por alheios avaliada em justa medida a importancia da esphera em que exercita sua actividade. E' porem, indisivel o que sente quando as palavras acalentadoras de outrem vêm amimar-lhe os ouvidos, justo no momento em que ha um colapso no progredir de seu *métier* e quando já o corrosivo septicismo, gerado num tal ambiente, começa a destruir mesmo aquelles que se mostravam antes indestructiveis.

Nós militares, que o somos — não por mero ganha pão mas por comprehendermos em toda sua extensão e em todo seu valor o problema da *defesa nacional* — sentimo-nos alentados quando vislumbramos sinais de que a Nação começa a comprehender as suas necessidades fundamentais e imprescindiveis a que permaneça com vida, ou melhor em segurança, atravez dos seculos.

Sem comprehender essas necessidades, teremos o problema sempre insolúvel como o temos tido até agora. E' o ponto capital a' remover, o eschoho que trava todo progresso da defesa nacional e tanto mais quanto é habitual tomar os individuos pelas instituições em que se metteram mas que de nenhum modo podem dignamente, honestamente representar. E' ponto capital a' remover, repitamos, o embarço mental que tal ignorancia causa.

Nesse erro de apreciação incidem os verdadeiros e maiores antagonistas da defesa da Patria — que melhor não fariam se fossem pagos pelo estrangeiro! — e cuja cultura por insufficiente, não lhes permite apreciar as doutrinas e as instituições alheando-as dos seus órgãos representativos do momento.

E' essa cultura falha e desvalorizada que coloca, mesmo os nossos letrados, em má situação para dirigir acertadamente a nação, por não lhes dar golpes de vista verdadeiramente gerais e assaz extensos sobre os problemas mais fundamentalmente interessantes.

Distinguir entre a doutrinação e a acção, em geral não fazem.

A doutrina, as regras e normas a estabelecer devem permanecer abstractas, independentes dos individuos. A acção, não. Deve tomar um caracter concreto, ser particularisada de accordo com as circumstancias occurrentes, incidindo directamente sobre os individuos de modo a pô-los constantemente de accordo com aquellas.

Sem discutir os meritos — melhor, demeritos — que se possam arraigar os autores da miserrima situação actual, as glorias soezes que revistam as infelizes responsaveis, somos forçados a lastimar o formidavel revez soffrido pela defesa nacional logo apoz um progresso que marchava rapido, celere, admiravel.

Felizmente, quando tudo nos parecia sossobrado, fallido, em ruina total, surgem dos destroços da triste e ingloria batalha, das proprias cinzas, gritos isolados ainda mas que se avolumam já; promessas ainda indefinidas mas existentes de facto; prognosticos de uma acção reconstructiva.

E isto é tanto mais importante para nós, por que são prenuncios de que a nação começa, pelo menos, a despertar, quanto a situação da Patria se parecia com a de uma creança que brincasse alegre, sorridente, descuidada a beira de um abysmo que inevitavelmente a tragara, ao menor desequilibrio.

Era assim dupla a nossa dôr: — dôr do profissional que vê seus esforços perdidos por lhe não comprehenderem o officio; dôr do filho que presente e tem por certa a ruina da propria mãe, a expirar, a extinguir-se a menor crise, sem lhe poder prestar o menor soccorro, e apenas paliativos inefficazes.

Entre as nações não ha que fiar, boa fé não existe; os descuidos ou são impatriotismo ou ignorancia. A sociedade internacional não é policiada como a sociedade dos homens e sua moral não considera ainda crimes puniveis más acções

que, quando praticadas, por individuos, são pelos codigos passíveis de penas severas.

E', portanto, perigosissima qualquer desatenção. Os erros em materia de organização militar de um povo trazem-lhe damnos ou irreparaveis, ou difficeis de reparar.

As questões se decidem, quando isto convem a um dos contendores, por tribunaes de sentenças inappellaveis — o campo de batalha — onde o argumento unico convincente é a força.

Não se pense que por assim fallarmos, somos *armamentistas*, como se diz agora.

Somos pacifistas e amamos a Republica por ter entre nós o genio pacifico gravado em sua propria constituição, lei organica. Não somos, porem, *futuristas* e levamos muito em conta as realidades das situações presentes.

Ora, no momento actual o Brazil é um colosso... desarmado e descuidado, quando justamente seus visinhos refazem suas forças já de si superiores as nossas effectivas e quando, no horisonte, tenues nuvens, que poderão desabar em tempestade, surgem duvidosas. E' elle como um palacio immenso e rico, escancarado e sem guardas, onde habita gente bulhenta e discursiva — como na velha Bezancio — que não percebe serem suas riquezas cubicadas e que algumas dellas estão a porta da rua inproveitadas e expostas a olhares cupidos; que se as podem abocanhar por um golpe dado *oportunamente*.

Revela-se assim uma nação que não é instruida e cujos membros mais illustres mesmo não parecem apercebidos da gravidade da situação, deixando que se malbarateiem descuidadas as cousas da defeza nacional.

Ao contrario, si bem instruidos fossem nada com mais cuidado haveriam de trazer. Saberiam então, que, hoje, contra um inimigo de menores forças latentes, mas aparelhado, de força effectiva, o factor tempo, notadamente tempo inicial, é decisivo nos resultados de uma campanha.

Não haveriam de esquecer que a guerra já se não trava entre exercitos, a moda antiga, e que as nações lançam-se agora aos seus azares com todo o peso de seus recursos, não só militares mas

industriais, politicos e sobretudo morais, que formam hoje a força guerreira de um povo.

Não se trata de fazer militarismo, nem de retrogradar, num seculo de luzes, mas ainda é preciso ter as forças arregimentadas, coordenadas e exercitadas para que se não atrophiem e no momento de ser applicadas venha a nação a baquear miseravelmente esgotada no folego, ou atonita deixe-se, como um touro, embaraçar no laço do campeiro.

Bem sabemos que, e queremos continue adoptada entre nós, uma politica completamente defensiva, é a propria á situação internacional moderna progressista, resalvados os Mussolini; bem sabemos não ser a guerra aspiração digna dos manes de Bolívia, Washington, San Martin, o' Higgins, José Bonifacio e outros a quem devemos a vida de povos livres; mas bem sabemos tambem que a paz sem força é perigosa.

Mas, si temos na politica um espirito defensivo e pacifico, de modo algum o queremos na guerra. Esta sempre foi e ha de ser essencialmente offensiva, porque guerra é luta e lutar é aggreir, offender, atacar. Defender-se não é lutar, é aparar a luta que o adversario desencadeia e dirige, é ficar a sua mercê, é ter as suas iniciativas entravadas, é ter suas acções governadas pela vontade de outrem. Em guerra, portanto, a offensiva!

Mas para ter a coragem da offensiva é preciso ser o mais forte. Mais forte no tempo e no espaço.

No tempo, para que o adversario comece a sentir os golpes firmes e fortes da aggressão antes mesmo que se haja predisposto a recebê-los, — que tenha suas forças reunidas; antes, em summa, que consiga pôr-se em boas condições de luta e para que jamais o possa fazer.

No espaço, para que estejam asseguradas as boas condições de emprego da sua força, para que lhe não falem os meios, postos no local da luta a proporção das suas necessidades e se não entrava o seu jogo.

O elemento essencial das forças de uma nação está nos seus effectivos, nos homens que podem lutar.

Os recursos materiais, industriais, são tambem de importancia capital porque

«não se luta com homens contra material» mas é fóra de duvida que se não usa o material sem homens que o saibam manejar.

E', portanto, a necessidade primeira arranjar os homens, ter assegurada a mobilisação do pessoal da nação. Isso feito, o moral da nação será outro e o material virá, por que integrados os homens no problema da defeza nacional saberão melhor comprehender as necessidades, por sentil-as, e hão de forçosamente, com intelligencia provel-a dos recursos indispensaveis.

Ora, Srs. Directores, o vosso programma parece denunciar haverdes comprehendido as necessidades essenciaes do nosso problema militar.

Para nós torna-se isso tanto mais interessante quanto o egoismo de alguns e a inconsciencia de muitos pretendem menoscar o Exercito Nacional, por effeito dos ultimos acontecimentos, sem reflectir que o Exercito é gerado da propria nação e por ella a toda hora alimentado e renovado, não sendo o que em seu seio se passa senão meros reflexos.

Não constitue elle nenhuma casta ou classe a parte, o que é cousa de antanho. Hoje, a nação deve ser toda Exercito, porque é da sua defeza que se trata. Assim são as nações fortes. Porque é forte a França? porque o seu Exercito é *poilu*. Que é o Exercito Americano? o Inglez? E' o *samny*, é o *tomny*.

Que, pois, todos os concidadãos illustres convirjam seus esforços para que o Exercito Brasileiro seja, uma vez por todas, o brasileiro!

Si a nação é pobre e endividada, embora seja rico o Brazil, não poderá dispor de effectivos permanentes consideraveis a moda da Europa aggressiva — mas poderá tel-os reduzidos — como convem á America — sem desconhecer as fontes onde os poderá recrutar. Isto lhe assegurará uma força inicial consideravel em relação a seus vizinhos e lhe assegurará os meios de accrescel-a a proporção que a guerra se prolongue.

Nosso vizinho mais rico em força militar é a Argentina. Si puser 10 % de sua população em armas, o que lhe está assegurado por sua organização e seu velho serviço militar, terá no campo de

batalha em exercito de 1.000.000 de homens, o que não é exagerado, bastando ver que na Europa a porcentagem de 15 % foi excedida na ultima guerra.

Nós, se supuzermos a metade da taxa, 5 %, conseguiremos um effectivo de 1.700.000, isto é, mais de 50 % a mais com um esforço 50 % menor. E' isto uma vantagem consideravel no Continente!...

Si tivessemos uma organização perfeita e uma nação militarizada como está sabiamente a Argentina, sem maior esforço, attingiríamos 3.000.000, de homens para fazer a guerra.

Oh! mas nesse dia, poderemos viver sem pensar, nem temer a guerra: ella não virá!

E actualmente, que se poderá fazer? A resposta só pode ser uma unica: veremos!

Si formos por desgraça batidos, quem deve corar? O Exercito? Não, a Nação toda porque é della que se trata. O Exercito é seu e ella delle dispõe. Si não presta, si falha á sua missão, reforme-o, corrija-o. Abandonal-o e crusar os braços, é gesto infantil, é inconsciencia!

E o remedio é tão simples, que depende apenas de um pouco de patriotismo e de sinceridade dos que orientam a opinião publica.

Obteríamos desde logo uma superioridade decisiva no continente Sul Americano si cada cidadão, no seu proprio municipio, existisse, pelo menos, arrolado de modo que a autoridade militar subesse que podia contar com elle e onde encontral-o.

Esse é o principal trabalho a effectuar pelos que se promptificam a colaborar na defeza nacional, sem ter as responsabilidades technicas do problema. Como e quando utilisar os cidadãos de existencia assim conhecida, que fique a cargo da autoridade militar que só para isso existe em permanencia. Instruil-o, armal-o, treinal-o é cousa reactivamente facil.

Difícil e essencial é vencer o aspecto moral do problema, que é aqui como em tudo, em absoluto, dominante.

E' bem digno, pois, de applausos o vosso programma e, oxalá, frutifique abundantemente!

O Fuzil-Metralhador modelo 1924

O presente estudo sobre o fuzil metralhador francez modelo 1924 está publicado em "La Revue d'Infanterie" de 1.º de maio do corrente anno. Subscreeve-o o commandante do batalhão Desaiyre.

Divulgando-o em lingua vernacula, é meu intuito prestar um modesto serviço aos camaradas em geral. Se, pois, outro valor não tiver a traducção, valha ao menos pelo intento que me move a publical-a.

Quanto ás annotações com que o leitor ha de topar de vez em quando, devo dizer que as motivou a convicção em que me acho de que ellas não serão de todo inuteis. Encontrar-se-á decerto alguém que as aproveite, e é quanto basta.

Cap. I. PEREIRA

A ultima guerra facultou-nos fartas provas de que o tiro dos fuzis e mosquetões, ainda que empregados collectivamente, era muitissimo menos mortifero e menos impressionante do que o de uma arma automatica poderosa, mesmo isolada.

Por isso, esforçaram-se os belligerantes por augmentar incessantemente o numero de suas metralhadoras. Todavia, ficou para logo demonstrado que estas eram inaptas para serem incorporadas, em quaesquer circumstancias, na generalidade dos elementos de combate a pé: muito pesadas, muito vulneraveis, muito sobrecarregadas de impedimenta, retardavam a progressão das pequenas unidades de infantaria empregadas nas primeiras linhas. Surgiu então a necessidade do estabelecimento de uma arma automatica collectiva mais leve e mais manejavel do que a metralhadora pesada, muito embora se tivessem de alcançar semelhantes qualidades á custa de uma certa diminuição da potencia do fogo.

As investigações que se fizeram com esse fim remataram, em França, com o advento do fuzil-metralhador modelo 1915 ⁽¹⁾ e, em Alle-

manha, com o apparecimento da «leichte Maschinengewehr» modelo 1908-1915 ⁽²⁾.

Distribuido á infantaria e á cavallaria francezas ⁽³⁾ e a certo numero de exercitos alliados, o fuzil-metralhador modelo 1915 prestou serviços relevantes; mas mostrou tambem, frequentes vezes, que padece de defeitos muito graves e que está sujeito a fragilidades lastimaveis. A precisão é muito fraca; a velocidade pratica de tiro ⁽⁴⁾, insufficiente; a segurança de funcionamento, aleatoria; a desmontagem e a montagem, complicadas e difficeis de se executarem no campo de batalha. Comparada com as que estão actualmente em serviço no estrangeiro, essa arma é obsoleta e mal qualificada para o desempenho das missões de fogo que competem ao grupo de combate.

Os estudos que se realizaram, no decorrer destes ultimos annos, afim de promover-lhe a substituição, terminaram no começo de 1924. Após ensaios comparativos de diferentes materias, — excellentes, em geral, — imaginados

⁽¹⁾ O fuzil-metralhador C. S. R. G. modelo 1915 é uma adaptação do fuzil-metralhador Chauhat. Pertence á categoria de armas automaticas de longo recuo do cano (com reforçador); atira com o cartucho francez regulamentar (bala de 8^m/m); emprega carregadores semi-circulares de 20 cartuchos, que se collocam em sua parte inferior; e pôde fazer o tiro intermitente e o tiro continuo. Para retardar-lhe o aquecimento e abreviar-lhe o resfriamento, o cano está coberto em cerca de tres quartas partes do comprimento por um irradiador de aluminio. Esse conjunto cano-irradiador, por sua vez, está metido em uma camisa de aço, que se destina a protegê-lo e a guiar-lhe os movimentos. Na parte anterior dessa camisa encontram-se orificios de arejamento.

Durante o tiro, o fuzil-metralhador tem como pontos de apoio os pés, de que é dotado, e o hombro do atirador.

Comprimento da arma	1 ^m 05
Comprimento do cano	0 ^m 45
Peso da arma (sem os obturadores que recebeu em 1920)	9 kg.
Peso do carregador	0 kg. 850
Cadencia de tiro	240 disparos por minuto.

⁽²⁾ A «leichte Maschinengewehr», ou metralhadora leve Maxim 08-15, comprehende os mesmos órgãos da pesada 1908, igualmente Maxim, com excepção do mecanismo de disparo. Tem coronha, reforçador de recuo e um cylindro refrigerante, que comporta 3 litros de agua. Emprega fitas-cartucheiras de 100 cartuchos, identicas ás da metralhadora pesada, acondicionadas em tambores. Os seus pontos de apoio para o tiro são analogos aos do fuzil-metralhador 1915. Peso da arma, com 3 litros de agua: 19 kg. 400.

O apparecimento das metralhadoras leves 08-15 nas unidades allemãs data de abril de 1917. A principio foi de 3 e depois, de 6 (1918) o numero de armas distribuidas a essas unidades.

⁽³⁾ A distribuição do fuzil-metralhador modelo 1915 aos exercitos francezes foi feita a partir de 1.º de março de 1916, e á razão de 8 por companhia e de 4 por esquadraão.

⁽⁴⁾ Denomina-se VELOCIDADE PRÁTICA DE TIRO, ou simplesmente VELOCIDADE DE TIRO o numero medio de disparos susceptiveis de serem feitos por uma arma, no tiro sobre alvo, em um minuto, com inclusão do tempo necessario para o carregamento ou para a collocação e extracção do carregador.

Notas do traductor.

e fabricados por algumas das nossas manufacturas nacionais e por varias firmas estrangeiras e francezas, ensaios esses que foram feitos, em 1923, não só pelas competentes comissões de experiencias, senão também em alguns corpos de tropa de infantaria e de cavallaria, recahiu a escolha no modelo apresentado pelo tenente-coronel (hoje coronel) Reibel, da Manufatura nacional de armas de Châtelleraut.

A experiencia demonstrou que, melhor do que qualquer das suas concorrentes, essa arma, denominada «fuzil-metralhador modelo 1924», correspondia ás multiplices condições exigidas e conciliava de fórma particularmente feliz certas propriedades contradictorias que deve possuir a arma automatica collectiva do grupo de combate.

**

Os elementos que se devem considerar, no decurso do exame dos caracteristicos do material que nos propomos estudar, ou de outro semelhante, podem ser grupados desta sorte:

Antes de mais nada, o fuzil-metralhador, nucleo e razão de ser da cellula elementar da infantaria, deve pôr esta arma em condições de utilizar em summo grão os seus dois modos de acção, o fogo e o movimento, de passar rapidamente de um ao outro, e até de os empregar simultaneamente (tiro em marcha).

«Se o fogo deve ser levado ao mais alto grão de potencia e violencia, é com o fim de permittir a marcha para a frente».

Afim de que possam os fuzileiros contribuir, em grande parte, para a destruição — ou pelo menos para a neutralização — do adversario: afim de que estejam em situação de transportar a sua ameaça sempre para mais perto do objectivo; afim de que, concordemente com os volteadores, alcancem conquistar, e depois conservar o terreno cobichado, é preciso que a arma automatica collectiva de que dispõem allie a potencia á mobilidade ^(b).

(b) As condições particulares que deve preencher a arma automatica collectiva do grupo de combate são, consoante o parecer dos mais versados no assumpto:

- 1º) *Peso maximo*: 9 kilogrammas.
- 2º) *Principio de funcionamento*: de preferencia, tomada de gazes em um ponto do cano ou longo recuo do cano.
- 3º) *Cadencia de tiro ou velocidade de funcionamento*: cerca de 300 disparos por minuto.
- 4º) *Alimentação*: por meio de carregadores metallicos de 15 a 20 cartuchos.
- 5º) *Calibre*: o mesmo do fuzil ordinario já usado no exercito.
- 6º) *Comprimento do cano*: 50 a 60 centimetros.
- 7º) *Possibilidade de execução do tiro intermitente*.
- 8º) *Existencia na arma de um registro de segurança*.
- 9º) *Adaptação á arma de uma coronha fixa*.
- 10º) *Possibilidade de execução do tiro em marcha*.

N. T.

Além disso, o serviço a curto prazo, a iniciação das reservas no emprego de um novo armamento, a presença de forte proporção de elementos indigenas nas fileiras do exercito nacional e a necessidade de se formarem rapidamente, em caso de guerra, os novos contingentes obrigam-nos a dotar ainda o fuzil-metralhador de outra categoria de qualidades: importa que a instrução que lhe concerne seja dada com facilidade e rapidez, e que a sua utilização seja bem simples, de maneira que se não haja de exigir dos seus serventes senão o minimo possível de aptidões e de adestramento especiaes.

Mistér se fez, pois, que o inventor, cuidando antes de tudo do papel que devia desempenhar a arma que se propunha realizar, attendendo em seguida as condições em que seria transportada e utilizada, apreciando enfim as obrigações impostas pela instrução, — sem negligenciar ademais nenhuma solução capaz de facilitar e de abreviar a fabricação, — dosasse, com muita subtilidade, cada um dos elementos cuja combinação tendia a constituir, em um todo simples, harmonico e facilmente manejavel, o instrumento em que se havia de encontrar em volume e peso minimos a maxima potencia de fogo.

Vamos passar, successivamente, em revista os caracteristicos essenciaes, a potencia, a mobilidade, a facilidade de emprego do fuzil-metralhador modelo 1924. Porá fecho a este rapido estudo o exame de alguns dispositivos accessorios da nova arma.

**

O fuzil-metralhador modelo 1924 é uma arma automatica, que funciona por tomada de gazes em um ponto do cano ⁽⁶⁾.

O movimento retrogrado do embolo provoca o destrancamento, a extracção, a ejeccção,

(6) Do ponto de vista dos principios motores, as armas automaticas podem ser classificadas do seguinte modo:

- 1º) *Armas que funcionam pela utilização do recuo*.
- 2º) *Armas que funcionam por tomada de gazes* (em um ponto do cano, na bocca ou na camara).
- 3º) *Armas que funcionam por forçamento da bala no cano*.
- 4º) *Armas que funcionam por inercia de uma peça do mecanismo*.
- 5º) *Armas mixtas*.

Os typos principaes das armas que funcionam por tomada de gazes em um ponto do cano, como o fuzil-metralhador modelo 1924, são: metralhadora franceza Hotchkiss modelos 1897-1900 e 1914; metralhadora franceza modelo 1907, de Saint-Etienne; metralhadora americana Colt modelo 1897; metralhadora leve Hotchkiss modelo 1909; metralhadora leve ingleza Lewis modelo 1915; fuzil-metralhador italiano Cei-Rigotti modelo 1900; fuzil-metralhador americano Browning modelo 1918; fuzil-metralhador Hotchkiss modelo 1922; fuzil automatico mexicano Mondragon modelo 1908; fuzis automaticos francezes modelos 1917 e 1918.

N. T.

a abertura e o engatilhamento; a volta á posição inicial determina a alimentação, o fechamento, o trancamento e a percussão.

O extractor, rígido, tem duas mangas obli-
guas, e a mola, que o impelle.

O ejector, pertencente a um typo novo, articula-se com a caixa da culatra, em cuja face direita se encontra a janella de ejeção.

Graças a um dispositivo original, o mecanismo de disparo permite que se passe instantaneamente do tiro intermitente ao tiro contínuo, ou inversamente, sem que se torne necessário mover uma alavanca, nem mesmo interromper a pontaria.

A alimentação é feita por meio de carregadores com 25 cartuchos dispostos em duas filas imbricadas. O carregador é collocado na parte superior da arma. Assim que se realiza o disparo do ultimo cartucho, a culatra fica immobilizada na posição de abertura.

Obtem-se o trancamento por meio de uma escora fixa, em que se vem apoiar parte da extremidade posterior da culatra.

O percussor, muito massivo e muito robusto, está cavilhado no embolo.

Com ser a parte movel relativamente leve e a extensão do seu percurso reduzida ao mínimo, poderia resultar dahi uma grande velocidade de funcionamento (7). Esta, porém, ficou automaticamente limitada a cerca de 450 disparos por minuto, para que se possa obter uma dosagem de tiro (8) sufficiente, com diminuição ao mesmo tempo do consumo das munições e da fadiga da arma.

Consegue-se esse resultado graças a um gatilho que, durante curto espaço de tempo,

(7) Denomina-se VELOCIDADE DE FUNCIONAMENTO ou CADENCIA DE TIRO o numero de disparos feitos por uma arma em um minuto, com exclusão do tempo gasto com a collocação e retirada do carregador, e bem assim com a resolução dos incidentes de tiro.

(Claro está que esta definição só se pôde applicar ás armas automaticas de tiro contínuo).

(8) Denomina-se DOSAGEM DE TIRO o numero de disparos effectivamente feitos por uma arma, em determinada circumstancia, num minuto, com inclusão do tempo necessario para o carregamento ou para a collocação e retirada do carregador, e, além disso, do tempo empregado em resolver qualquer incidente imputavel quer á arma, quer á munição, quer ao atirador. Na pratica, a dosagem maxima se confunde com a velocidade de tiro, quando a arma é sujeita a raros incidentes.

immobilisa o embolo ao termo de cada movimento de abertura. Baseia-se o principio de funcionamento desse moderador igualmente simples, robusto e seguro na acção de uma rebarba.

Um amortecedor impede o choque da parte movel contra a caixa da culatra.

Um registro de segurança permite travar á vontade o mecanismo de disparo; nenhuma acção exerce elle sobre o gatilho.

A arma é provida de quebra-chammas, cujo typo é novo, de pés não extensíveis, de guarda-mão, de punho e de hombreira. Enquanto não é preciso o seu emprego, esta fica rebatida sobre a chapa da soleira (10).

Para a execução da maior parte dos tiros, ha um esquepe da coronha (11), que se transporta em separado do fuzil-metralhador.

Fóra dos periodos de acção, obturadores efficaes e pouco embaraçosos fecham as aberturas da caixa da culatra.

A alça comporta um olhal disposto sobre um cursor que desliza em uma lamina; a massa de mira é retangular. Como o carregador é collocado na parte superior da caixa da culatra, a linha de mira está deslocada para a esquerda da arma (12).

O comprimento do fuzil-metralhador modelo 1924 não chega a 1^m, 10 e o seu peso (sem o esquepe da coronha) é pouco inferior a 9 kilogrammas.

O cartucho (13) tem 7^{mm}, 5 de calibre; pesa cerca de 24 grammas. Comprehe o estojo cylindrico, com gargalo, a capsula, a carga de projecção e uma bala curta, ogival-ponteaguda, constituida de um nucleo de chumbo endurecido e de uma camisa.

(Continúa)

(9) O fuzil-metralhador Hotchkiss modelo 1922 é dotado igualmente de um moderador de cadencia. Esse moderador evita o desgasto prematuro das raías, o desperdício das munições e quadruplica a efficaia da pontaria.

N. T.

(10) O mesmo acontece com a hombreira da metralhadora leve Hotchkiss.

(11) Semelhante ao do fuzil-metralhador Madsen.

(12) A linha de mira do fuzil-metralhador Madsen, pela sua parte, está deslocada para a direita.

N. T.

(13) Denominada modelo 1924 C.

Emprego da engenharia na organização do terreno em ligação com a infantaria

(artigo do Sr. Coronel Letourner, publicado na *Revue d'infanterie*, do mez de Fevereiro do corrente anno)

Trad. do 1º Ten. *Octavio Paranhos*

I

A instrucção provisoria sobre o emprego tactico das grandes unidades declara no paragrapho 27:

«Na defensiva, a engenharia estabelece ou melhora as communicações do campo de batalha, prepara as destruições destinadas a retardar a progressão do inimigo e póde participar na organização do terreno no que diz respeito a determinados trabalhos especiaes».

Esta Instrucção parece, por consequencia, admittir que a engenharia poderá não participar nos trabalhos de organização, propriamente ditos, das posições. Então pertencerão unicamente á infantaria os referidos trabalhos.

O precitado paragrapho tem bastante rivalisado a arma de engenharia, tem produzido discussões apaixonadas e já fez correr muita tinta.

Pode-se perguntar, si a infantaria estará em situação, em uma proxima guerra, de confirmar a missão que lhe impõe o regulamento.

Estará ella apta, para executar sósinha, com as condições de rapidez sufficiente, todas as terraplenagens de que necessita a organização completa do terreno, sem falar das defesas accessorias e dos abrigos?

E' permittido duvidar. Sua instrucção (quadros e homens) não é nada incitada em tempo de paz. A recente suppressão dos estagios de seus pioneiros nos regimentos de sapadores mineiros não melhorará, longe disto, esta situação.

E depois, a organização do terreno póde ser obra de uma unica arma? Em tactica, é pela ligação das armas, sómente, que esse resultado póde ser obtido, e a organização do terreno é uma questão de ordem tactica.

A engenharia, arma da fortificação permanente, arma de grande rendimento de trabalho, deve ahí cooperar em grande escala, em ligação com as outras armas.

Sobre algumas destas idéas geraes, toda a gente está certamente de accordo.

Quanto ao mais, os redactores do regulamento sobre o emprego tactico das grandes unidades procuraram sobretudo dizer que a infantaria deverá manter-se prompta, na falta da engenharia, empregada em outra parte e pouco numerosa, a ella propria soffrivelmente se bastar, para a organização do terreno.

Os sapadores podem portanto estar seguros de que o commando appellará para elles para a organização das posições. Que se preparem para esta missão! Não lhes faltará trabalho, nem a confiança do commando.

II

Porém a verdadeira difficuldade não é saber se a engenharia concorrerá ou não na organização das posições.

Acabamos de ver o que é preciso responder a esta questão. As difficuldades começam quando entramos na parte sensível do assumpto, isto é, quando perguntamos qual será o quinhão da engenharia, qual será seu papel na direcção, depois na execução dos trabalhos?

Uma difficuldade desse genero não se apresenta para a artilharia, a missão da artilharia na defesa do terreno é bem determinada; os trabalhos que esta arma deve executar são aquelles necessarios a sua propria installação.

No que concerne á engenharia, a difficuldade origina-se porque a defesa do terreno é baseada, em primeiro logar, sobre o emprego do armamento da infantaria.

Esta ultima arma, se bem que pouco apta a execução dos trabalhos de grande rendimento, deve então presidir á localisação do seu armamento e, na grande maioria dos casos, installal-o por seus proprios meios.

A engenharia não poderá substitui-la nesta tarefa.

Neste ponto de vista, é indispensável reparar que o armamento da infantaria foi principalmente reforçado e complicado durante a guerra.

Em 1914, o regimento de infantaria tinha tres secções de metralhadoras de duas peças, sejam duas metralhadoras para 1.000 homens.

Hoje, a posição moderna é uma zona por companhia, 3 companhias de metralhadoras (48 metralhadoras), seja cerca de 25 armas automaticas para 1.000 homens, doze vezes a proporção de antes da guerra.

Além disso, accrescento que o regimento dispõe de seus engenhos de acompanhamento (3 secções compreendendo cada uma, 1 canhão de 37 e 1 Stokes), de granadas de toda a natureza (offensivas, defensivas, incendiarias, V.-B., etc.).

Em resumo, se, no regimento de infantaria, o effectivo homem foi reduzido de um quarto ($\frac{1}{4}$), a proporção de armas automaticas é mais que dupla; o armamento não tem mais nenhuma uniformidade (fuzil, metralhadora, F.M., engenhos, etc.).

Esta evolução tão profunda da infantaria não está terminada. Quem sabe se, amanhã, esta arma não será munida de um possante canhão de acompanhamento sobre lagarta, de poderosas metralhadoras contra carros e contra aviões, etc....

A transformação do armamento da infantaria tem naturalmente reagido sobre os processos de defesa e de organização do terreno!

Em 1914, uma posição comprehendia, em geral, um certo numero de elementos de trincheira, construidas nos accessos da crista militar, flanqueando-se mutuamente.

Algumas vezes, construia-se na retaguarda uma segunda serie de elementos, chamados de apoio. Esses elementos de trincheira eram guarnecidos de defensores um ao lado do outro.

Nós os vimos todos nos campos de batalha em Setembro e Outubro de 1914. Os elementos de trincheira primeiramente construidos tornavam-se muito rapidamente trincheiras continuas.

Era então facil, nessa época, dar a uma companhia de engenharia, ordem de organizar (segundo a expressão consagrada) «a posição».

O problema a resolver dependia sobretudo dos bons campos de tiro offere-

cidos pelo terreno, o traçado da posição seguia, para assim dizer, as curvas.

O armamento sendo uniformemente (ou semelhante) o fuzil, que era tambem a arma do sapador, não era prevista nenhuma difficuldade particular.

Hoje, o regimento possui: 12 F.M. de terreno no interior da qual se escalonam as armas automaticas, cujos locais, cuidadosamente disfarçados, evitam toda referencia visivel, cujos fogos são regulados segundo um plano de fogos previamente bem estudado, em ligação com a artilharia.

Quanto ás parallelas, quando tivermos tempo de executal-as, estas serão sobretudo (como as sapas) meios de communicações enterradas.

A questão é então muito mais complexa hoje que outr'ora. E' mesmo desta complexidade que nascem as discussões actuaes sobre o emprego da engenharia na organização do terreno.

III

Parece todavia que seja facil vêr claro nesta questão.

A instrucção de 12 de Setembro de 1924 sobre a organização do terreno (art. 79) dá uma ordem de urgencia para o emprego dos sapadores-mineiros. Elles são empregados:

- 1º — Nos trabalhos particulares de sua arma;
- 2º — Nos trabalhos de vias de communicações;
- 3º — Nos trabalhos de organização do terreno, que exigem uma habilidade tecnica excedendo da possuida pelas outras armas;
- 4º — Excepcionalmente, nos trabalhos ordinarios...

Primeiramente, é permittido observar que, em uma questão deste genero, não deverá ter ali ordem de urgencia typo; tudo depende da situação, tudo é função do «caso concreto».

O artigo 79 não deverá então nos dar senão uma indicação de ordem muito geral. De outra parte, póde-se perguntar se, muito frequentemente, não são os trabalhos previstos excepcionalmente na 4.ª alinea que serão o quinhão habitual do sapador divisionario.

IV

Nossos regulamentos estabelecem em principio que é antes de tudo pelo fogo que se defende o terreno. A defesa é baseada essencialmente na organização de um systema de fogos (fogos de infantaria e artilharia combinados) continuo e profundo.

A arma automatica (metralhadora, F.M.) é considerada a arma principal na defesa do terreno.

A organização das barragens de fogos de infantaria previstos pelos nossos regulamentos é então a parte capital da instalação defensiva e a base de toda a organização do terreno. A maneira a mais simples e a mais logica de conceber a organização de uma posição consistiria pois em desdobrar sobre o terreno, na sua formação de combate, a infantaria encarregada da defesa. Cada grupo de combate, cada secção de metralhadoras excutaria no local os trabalhos de sua instalação (cobertura, abrigo, defesa accessoria). Essa maneira de proceder não é outra que aquella que se applica forçado ao contacto mesmo do inimigo.

Vê-se immediatamente que a grande difficuldade que se apresenta, em uma organização deste genero, é de assegurar a coordenação, a cohesão dos trabalhos, sobre o conjunto da frente (batalhão, regimento, divisão, etc.).

Esta cohesão traduz-se sobretudo pela ligação dos fogos, combinados com o obstaculo (barragens de fogos successivas) e pelo judicioso traçado do conjunto das communicações enterradas.

A necessidade da coordenação dos trabalhos apresentar-se-á, qualquer que seja a situação tactica.

Convirá realisar-a com perfeição em cada caso particular. E' a função do commando em todos os escalões, é o objecto principal das ordens que elle dá para a organização.

V

Para estudar mais facilmente o emprego da engenharia distinguiremos:

1º O papel dos estados maiores e do commando da engenharia na direcção e preparação dos trabalhos de organização do terreno;

2º A participação das tropas da engenharia nos ditos trabalhos.

PAPEL DO COMMANDO E DOS ESTADOS MAIORES DA ENGENHARIA

Os planos e ordens do commando fazem o objecto do titulo II da instrução provisoria de 12 setembro de 1924. Não ha nada de importante a annexar aos artigos 89 e seguintes deste regulamento. Porém elle não se satisfaz de dar ordens.

E' preciso assegurar e facilitar a execução pelos escalões subordinados.

E' aqui que interveem os auxiliares indispensaveis do commando. Primeiramente os estados maiores, depois e em ligação com estes ultimos, o commando e os estados maiores da engenharia.

O commando e os estados maiores da engenharia participam primeiramente nos reconhecimentos preliminares á organização da posição (1).

Notemos, de passagem, que esta participação exige, de sua parte, um serio conhecimento do emprego tactico das outras armas e em particular das propriedades do armamento da infantaria. No decorrer dos seus reconhecimentos, o commando da engenharia deve poder emitir uma opinião attendida sobre tudo aquillo que diz respeito á organização da posição.

Elle deve mais particularmente voltar sua attenção:

1º — Sobre a natureza do solo, o escoamento das aguas;

2º — Sobre os recursos offerecidos pela posição no que concerne á cobertura, sobre os trabalhos e o material necessario para melhora-la, sobre o modo mais indicado para a construcção dos abrigos e observatorios;

3º — Sobre os obstaculos existentes ou a organizar, particularmente contra os carros;

4º — Sobre as destruições eventuaes, etc.;

5º — Sobre as communicações interiores e com a retaguarda da posição; seu aparelhamento;

6º — Sobre os recursos em material podendo ser achado no local e, por consequencia, sobre a importancia dos pedidos a fazer para a retaguarda.

(1) Nós nos collocamos, aqui, no caso de uma posição organizada a uma determinada distancia do inimigo.

Os reconhecimentos executados, as decisões tomadas, as ordens dadas, trata-se primeiramente de fixar sobre o terreno:

a) — O traçado dos principais elementos da posição:

orla exterior;
linha de apoio;
linha de deter.

b) — O traçado do conjunto das defesas accessorias.

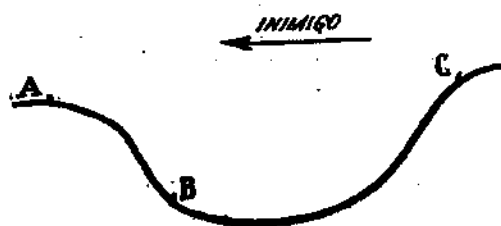
c) — O traçado geral das comunicações enterradas.

Para a execução dos planos e croquis de detalhe pertencendo a esses traçados, para os estaqueamentos e os balisamentos necessários, os officiaes da engenharia são os auxiliares directos do commando.

Algumas precisões parecem necessárias a este respeito.

a) — O traçado da orla exterior, por exemplo, deve ser frequentemente precisado com muito detalhe pelo general de

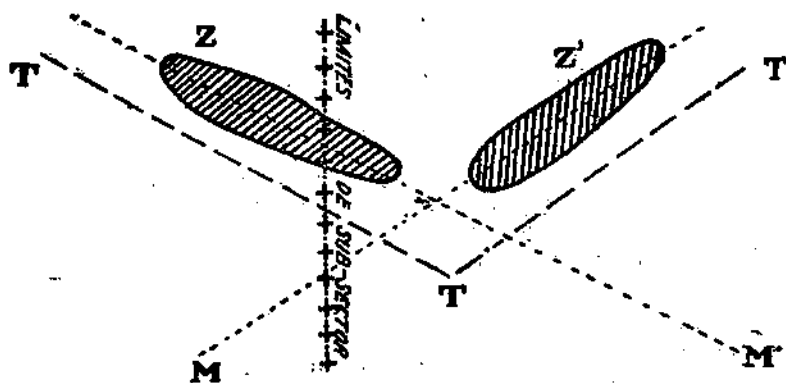
frente da divisão e, em particular, nos limites dos sub-sectores e dos sectores, seja, por exemplo, duas metralhadoras MM' batendo respectivamente as zonas de terreno ZZ'



(Fig. 1)

O traçado TT das defesas accessorias (obstaculo) deve ser combinado com o das zonas batidas.

Esses traçados podem ser estaqueados e executados vantajosamente, pela engenharia divisionaria, depois de entendimento com os commandantes dos subsectores dos quarteiros interessados (Fig. 2).



(Fig. 2)

divisão, sobretudo no limite dos sub-sectores.

A iniciativa dos commandantes de sub-sectores não se póde exercer, neste ponto de vista, dentro de limites muito estreitos.

No caso de um terreno tal qual está figurado no schema acima, é certo que é uma questão do commando, saber si a orla exterior passará em A (sobre a crista), em B na contra vertente, ou em C sobre a vertente opposta; e isto, mesmo se a distancia AC não é senão de 200 ou 300 metros. (Fig. 1)

b) — As defesas accessorias devem fazer objecto de um traçado coordenado (todas as vezes que é possível) sobre a

c) — *Traçado das comunicações enterradas.* — Conforme as prescrições do novo regulamento, as comunicações enterradas (parallelas e sapas) são fossos dispostos para assegurar a circulação, a protecção contra as vistas e os tiros.

Seu traçado é determinado por (art. 30):

- os pontos a ligar;
- as facilidades de desenfiamento;
- as condições de evacuação das aguas.

Ellas podem, além disso, ser aparelhadas, nos locais propicios, para a installação dos fogos.

Nestas condições, concebe-se quanto seu traçado, que deve corresponder a condições muitas vezes contradictórias, é delicado.

É evidente que ha interesse, desde que as circumstancias permittam, que o traçado das principaes communicações seja feito sob uma unica direcção sobre o conjunto da frente da divisão. Ha igualmente interesse em collocar a execução dos trabalhos das principaes communicações enterradas debaixo de uma unica direcção.

O commando da engenharia divisionaria, dispondo de auxiliares (trabalhadores), é inteiramente indicado para ser normalmente o encarregado.

OUTRAS MISSÕES COMPETINDO AOS COMMANDOS E ESTADOS MAIORES DA ENGENHARIA

A) — *Trabalhos espeziaes* (projectos e direcção) — Estes são os apontados no artigo 79 (1.^a e 2.^a alíneas) da instrucção sobre a organização do terreno: pontes, minas, destruições das vias de communicações.

Ha lugar de insistir um pouco sobre estas ultimas.

As destruições massiças das vias de communicações são um meio dos mais importantes á disposição do defensor.

Na frente de uma posição de resistencia, por exemplo, haverá lugar, quando se pudér, de crear uma zona profunda de destruição, particularmente com o fim de embaraçar a installação da artilharia e de seus reabastecimentos.

Quando a frente a defender é muito grande (10-15 kilometros para uma divisão por exemplo), haverá sempre lugar, nas zonas que melhor se prestem, o emprego das destruições.

Elas permittirão reduzir sem muitos riscos a profundidade dos systemas de fogos de infantaria e de augmentar, por consequencia, a frente de determinadas unidades.

As destruições são a principal função do sapador.

Elas exigem muito tempo e meios (explosivos).

Devemos preve-las em tempo util. Questão de commando.

B) — *Trabalhos de interesse geral* — Os projectos, a direcção desses trabalhos pertencem aos estados maiores da engenharia.

Citemos entre os mais importantes:

- Construcção de grupos de abrigos para as reservas;
- Trabalhos de escoamento das aguas;
- Trabalhos de communicações (estradas, caminhos, pistas, etc.).

C) — *Reabastecimento em material e em ferramentas*. — O reabastecimento em material e ferramentas é dirigido, sob a autoridade do commando, pelo commandante da engenharia.

Digamos algumas palavras deste reabastecimento no escalão divisão:

O commandante da engenharia divisionaria dispõe como meios de execução:

1.^o — De uma companhia de parque divisionario (1 official, 60 homens, 48 cavallos, 9 viaturas (1)).

2.^o — Dos auxiliares (trabalhadores) que o commando põe a sua disposição. A este respeito, esquece-se muitas vezes, nos estados maiores, que é preciso gente para remover as toneladas de material.

Constituir-se-á, em geral, um deposito divisionario de material (deposito de sector). O material a depositar ahi não excederá as quantidades necessarias para 5 ou 6 dias de trabalho. Esse deposito será muito a miudo reabastecido directamente (por caminhos ou via ferrea) pelo stock do exercito (15-20 dias de material), installado sobre a via normal (2).

O deposito de material divisionario será collocado em um local de acesso facil, de dia e de noite, aos caminhos e viaturas hippomoveis. Se isto é possivel, é vantajoso ligal-o por via ferrea, pelo menos por via estreita.

Perto da frente, em cada sector de regimento, organizar-se-á depositos avancados, dirigidos pelos Coroneis. Nesses

(1) Das quaes tres viaturas pequenas (carri-nhos) de ferramenta.

(2) Poderá ser installado, em certos casos, um deposito de material (D. M. C.) de corpo de exercito.

depósitos de sub-sector armazenar-se-ão cerca de dois dias de material.

Não ha interesse em augmentar desmedidamente o numero desses depósitos, nem ahí accumular muito material.

Elles serão reabastecidos pelos cuidados da engenharia divisionaria, com auxilio de viaturas hippomoveis tomadas na divisão, ou fornecidas pelo corpo de exercito ou exercito.

O disfarce dos depósitos de material deve fazer objecto de cuidados particulares. Serão installados de preferencia nas cobertas do terreno.

Ferramenta: No que diz respeito á ferramenta, possuir-se-á primeiramente nas tres viaturas pequenas da companhia de parque divisionario. No total: 525 pás, 315 picaretas, 393 ferramentas de destruição.

Far-se-á depois appello aos recursos do exercito (1).

D) — *Estabelecimento e conservação em dia dos planos de organização* (art. 90) — Compete aos sapadores, sob a egregia direcção do commando.

Nenhum está melhor collocado, nem é mais apto para este trabalho. A engenharia divisionaria deve manter em dia um plano detalhado do ESTADO DOS TRABALHOS do sector.

E) — O papel dos commandantes da engenharia como conselheiros technicos do commando está definido no artigo 82 do novo regulamento.

A notar que, segundo esse regulamento, o commandante da engenharia verifica, como delegado do commando, as condições technicas nas quaes os trabalhos são executados pelas tropas de todas as armas.

Em resumo, o commando e os estados maiores da engenharia devem ser os auxiliares directos do commando, para tudo aquillo que diz respeito aos trabalhos de organização das posições, como na artilharia, quando se trata da organização dos fogos.

A tarefa a confiar aos officiaes da engenharia depende evidentemente da situação.

(1) Não ha, por enquanto, parque de engenharia no corpo de exercito.

Elles poderão mesmo ser encarregados da organização completa (inclusive barragem de fogos) de determinadas posições de segunda linha, organisadas com vagar, com o concurso das unidades de trabalhadores.

VI

PARTICIPAÇÃO DAS TROPAS DA ENGENHARIA NOS TRABALHOS DA ORGANISAÇÃO DO TERRENO

Primeiramente estabeleceremos em principio, que o emprego das tropas da engenharia, na defesa do terreno, depende antes de tudo da situação tactica. E' uma questão de caso concreto. O melhor emprego será sempre aquelle que mais facilite á infantaria a pesada missão que lhe compete.

A engenharia não será portanto encarregada forçada dos unicos trabalhos especiaes de que fala a instrucção provisoria sobre o emprego tactico das grandes unidades.

Arma de grande rendimento de trabalho, ella será encarregada de todos os trabalhos, especiaes ou não, que se revelarem os mais urgentes, os mais uteis á infantaria na situação em que nos acharmos.

E' ao commando que compete determinar a natureza desses trabalhos, aos estados maiores da engenharia que pertence fazer todas proposições uteis a este respeito.

Partindo desta idéa directriz, examinemos primeiramente a participação das tropas da engenharia nos trabalhos ordinarios (previstos excepcionalmente na 4.^a alinea do art. 79).

Os trabalhos ordinarios tem em geral por fim:

1º — A installação dos órgãos de fogo da infantaria, isto é, a criação:

— Da *coberta* destinada ao armamento;

— Do *obstaculo* (defesas accessorias);

— Do *abrigo* (activo ou passivo).

2º — A criação da rede das communicações enterradas.

No que concerne á installação dos fogos, é incontestavel que ella só póde ser, na maioria dos casos, obra da infantaria. Mas quer isso dizer que a engenharia della não participará senão excepcionalmente?

A esta questão, póde-se responder: não, com toda a firmeza. As tropas da engenharia participarão sempre nos trabalhos de installação dos fogos da infantaria.

Haverá sempre abrigos á prova (activos ou passivos) a executar rapidamente para uma metralhadora flanqueando principalmente, por exemplo, toda uma parte da posição.

Sómente os sapadores são capazes de executar com rapidez um trabalho desta ordem. Seria um crime não chamal-os para executar este trabalho urgente e indispensavel, sob o pretexto que a infantaria «*deve*» saber fazel-o.

A organização das partes utilisáveis das cidades (creação de abrigos activos ou passivos nos escombros das casas, reforçamento das cavas existentes) é, da mesma maneira, função dos sapadores, muito mais que da infantaria. E' delles igualmente os trabalhos a executar nos bosques.

Em uma outra ordem de idéas, haverá muito frequentemente pedaços indispensaveis de sapas a executar, na mesma noite, para assegurar, de dia, as communicações de uma unidade particularmente exposta.

Ha numerosos exemplos deste facto durante a guerra onde, uma vez terminada a acção, companhias inteiras de engenharia foram empregados em um trabalho desse genero.

A rapidez da execução do trabalho em casos semelhantes a tudo sobrepuja.

Sómente o sapador é instruido, provido de instrumentos e commandado para trabalhar ligeiro.

Falei acima do emprego da engenharia para a piquetagem e o traçado de determinados trabalhos necessitando uma coordenação sobre o conjuncto da frente do regimento, da divisão, etc... Não voltarei ahi.

Trabalhos apresentando difficuldade particular — Trabalhos especiaes — Esses

trabalhos serão executados pelos sapadores.

Em terreno ruim, em particular, a construcção de abrigos, ou mesmo simplesmente communicações enterradas (esta ultima exigindo revestimentos cuidadosos) só póde ser executado pela engenharia.

Trabalhos de interesse geral: — Serão executados pelas companhias de engenharia reforçadas com auxiliares (infantaria ou trabalhadores).

MODO DE EMPREGO DOS SAPADORES

Os sapadores devem ser empregados sob as ordens de seus chefes, por unidades constituídas (a secção parece ser a menor fracção da engenharia podendo ser empregada isoladamente). (Reportar-se ao artigo 96 do novo regulamento).

O commando (general de divisão) deve precisar os trabalhos a executar, em cada sub-sector, pelas unidades da engenharia.

Esses trabalhos são repartidos e executados, segundo entendimento com os commandantes de sub-sector pelos commandantes da unidade de engenharia. Estes ultimos, em geral livres dos processos technicos a empregar, são responsaveis perante o general de divisão pela boa execução dos trabalhos.

Uma vez executados os trabalhos indicados pelo commando, a unidade da engenharia recebe, da parte deste ultimo, uma nova missão.

VII

CONCLUSÕES

Antes da guerra, tanto nos exercicios sobre a carta como durante as manobras, acontecia frequentemente omittir-se, nas ordens, o emprego da engenharia. Ou melhor, não se lhe dava nenhuma missão, ou melhor, empregavam-na como infantaria.

Muito raramente encarava-se o emprego desta arma, em ligação com as outras, para attingir o fim commum, utilizando com perfeição sua instrução e a capacidade de trabalho dos quadros e dos homens. A guerra passou.

Vamos, hoje, voltar, no que diz respeito á engenharia, aos hábitos de antes da guerra.

Isto seria muito pouco adequado aos ensinamentos que colhemos durante cinco annos nos campos de batalha.

No, que concerne á organização do terreno, as linhas que precedem mostram que é muito simples, com pouco esforço intellectual, de empregar racionalmente a engenharia.

Procuremos a occasião de fazer trabalhar juntas as duas armas irmãs, a infantaria e a engenharia.

O emprego dos quadros das companhias de cada uma dessas armas, bem dirigidos e operando juntos no terreno, parece particularmente aconselhado em todas as guarnições onde as duas armas vivem lado a lado, ou nos campos de instrução.

E' facil, com quadros de duas companhias dirigidas por exemplo, por um chefe de batalhão, de determinar e piquetar os elementos de uma posição em um sector de regimento.

A infantaria colloca no lugar seu systema de fogos, pede, se ha lugar, para determinados trabalhos, a collaboração da engenharia (que faz os projectos necessarios). A engenharia em ligação com a infantaria, estabelece o projecto (delinea o material necessario, reparte em tarefas, etc...) das defesas accessorias, das communicações enterradas.

A engenharia estuda depois: os trabalhos especiaes que lhe compete, os trabalhos de interesse geral.

A direcção critica e resume os ensinamentos do exercicio.

Esses exercicios são faceis de organizar, com a condição de não ser muito vasto o terreno.

Uma frente de regimento (2 a 3 kms.), até mesmo de batalhão (1.000 a 1.200 metros), é amplamente sufficiente para uma manobra importante.

E' preciso estar persuadido que em materia de organização do terreno, a ligação infantaria — engenharia é de uma importancia igual a da ligação infantaria — artilharia no combate.

O centenario de Solano Lopez

Fiel ao patriótico programma que a vem norteando, através de todas as vicissitudes, nesses treze annos de sua existencia, congratula-se a nossa revista com o Sr. Dr. Lindolpho Collor pelo substancioso artigo que publicou no «O Paiz» de 25 de julho findo, acerca do centenario de Solano Lopez.

Não ha, de feito, como justificar a diligencia com que alguns filhos da nação vizinha, orientados pelo escriptor Juan E. O'Leary, estão tentando, por mais que custe, reabilitar a memoria do dictador paraguayo.

Francisco Solano Lopez — em que pese á opinião dos seus mínguados admiradores — foi um verdugo do seu proprio povo, um desassinado, um desses vultos eminentemente tragicos para os quaes a historia só póde ter as mais terriveis objurgações. Pretender collocar-o entre os martyres dos ideaes de paz e de fraternidade; intentar nivelal-o com essas figuras legendarias que se sacrificaram, em sanguinosas lutas, por implantar a liberdade nas nações da America; querer alistar-o entre os que devem sobreviver no respeito e na admiração do mundo, é perpetrar o maior dos descommedimentos.

Aliás, pouco nos importaria que os paraguayos, deslembrando-se dos grandes males que

advieram para a sua patria da dictadura de Solano Lopez, continuassem a venerar-lhe o nome e a sobalçar-lhe os feitos, se isto não representasse uma condemnação formal á guerra que lhe movemos durante cinco longos annos. Mas o certo é que «fazer o elogio do terceiro dictador paraguayo, na hora em que a vizinha Republica, pela actividade infatigavel dos seus filhos, começa a resurgir dos escombros da guerra, equivale, pela implicita significação dos acontecimentos, a proclamar a nossa culpa principal no arrazamento economico e cultural do Paraguay».

Por isso, bem acertado andou o ardoroso jornalista brasileiro Dr. Lindolpho Collor com a publicação do seu brilhante artigo. Foi uma obra de patriotismo, que muito o eleva aos olhos dos que desejam a paz, mas a paz com honra, a paz com dignidade, e não a paz dos vis, a paz dos pusillanimes, a paz dos dessexuados.

Pena é que tão convincente escripto não tenha a divulgação de, que é, incontestavelmente, digno, pois veio desfazer, de uma vez por todas, a inverdade historica, segundo a qual a nós, e sómente a nós, é que cabe a culpa da malfadada guerra em que sacrificaram a vida milhares de brasileiros valerosos, deante de cujas tumbas veneraveis o Brasil se curva, agradecido.

Subsidios para os quadros de reserva

(A nossa contribuição)

O DEVER DE TODOS

Não ha duvida que a obra de Bilac comportaria um segundo lanço, se o seu desaparecimento não se tivesse dado tão cedo.

Ao tempo em que o grande vate brasileiro ergueu sua voz divina e dirigiu-a á nossa mocidade, a nossa maior necessidade era de soldados. Foi no tempo em que começava a formidável obra da profunda reorganisação do nosso Exercito, em que se tratava de construir os alicerces, fazer a tropa.

Annos depois, a construcção já ia alta e se foram encarando successivamente outros muitos aspectos de organisação sem os quaes nada valeriam os esforços feitos. Então, se ainda vivesse o formoso verbo de Bilac, certamente incidiria elle sobre o officialato de reserva e no momento actual, talvez, outras seriam as circumstancias do nosso Exercito.

**

O nosso grande dever no momento, dever de todos quantos teem a consciencia ou o sentimento das necessidades militares do nosso paiz, é fazer por acção conjuncta e energica o que faria por si só a alma encantadora do nosso saudoso patricio.

O soldado já o temos, embora o Sorteio Militar atravesse, actualmente, formidável crise. Rarefeito o ambiente, decretadas medidas decisivas, enfim afastadas as causas que o dilaceram, o recrutamento pelo sorteio voltará ao que foi e possivelmente muito melhorado em sua execução.

O official de reserva é que representa a direcção do esforço principal no trabalho que vamos iniciando de soerguimento, de reajustamento do Exercito como instituição nacional. O que se ha feito sobre a formação dos quadros de reserva nada é. Está tudo por se fazer.

Tenhamos a coragem de reconhecer o e a fé e a energia necessarias para a realisação que se impõe.

I — NOÇÕES SOBRE A SEGURANÇA (R. S. C. — Título IV).

Fins

1.º (*essencial*) — Permittir ao commando tomar suas disposições, isto é, reunir, dispôr e empregar seus meios de modo a executar a missão recebida, qualquer que seja a vontade do inimigo (liberdade de acção do commando);

2.º Garantir a *protecção* da tropa contra os perigos do ar, as surpresas de terra e os efeitos dos gases de combate.

Acções do inimigo a temer

Ataque da aeronautica (combate de dia e de noite e tiros de metralhadoras dos balões e aviões), qualquer que seja a distancia do Grosso inimigo;

— Inquietação dos elementos ligeiros (de cavallaria, em automoveis ou em aviões), mesmo quando ainda se está á grande distancia dos elementos mais avançados do inimigo;

— Fogo da artilharia pesada de grande alcance (inquietação sobre pontos importantes ou fogos systematicos sobre objectivos de valor e de grandes dimensões), possível a distancias muito maiores de 20 kms. mas de efeitos quasi que exclusivamente moraes;

— Fogo da artilharia de todos os calibres e accionada dos observatorios terrestres ou aereos contra objectivos bem determinados; este fogo pôde fazer-se sentir até 15 kms. dos elementos avançados do inimigo mas só é verdadeiramente efficaz a partir dos 8 kms.;

— Fogo das armas automaticas (inquietação), possível até 4 kms. dos elementos mais avançados ou mesmo a grandes distancias quando executados por elementos ligeiros (cavallaria, automoveis e aviões);

— Fogo das armas automaticas constituindo systema de efeitos muito serios e que só se consegue evitar neutralizando-o tambem pelo fogo; faz-se sentir a partir dos 2.000 ms. da Posição de Postos Avançados ou da Posição de Resistencia do inimigo;

— Acção de força dos destacamentos de segurança ou do Grosso do inimigo, de accordo com as possibilidades do momento (distancias e estradas a percorrer, meios de transporte disponiveis, conhecimento da situação, etc.) e capaz de impedir que a missão seja cumprida.

Meios

1.º Informaçõs sobre o inimigo (seus meios, intenções e possibilidades);

2.º Dispositivo da tropa;

3.º Elementos especiaes de segurança (Destacamentos de segurança, defesa anti-aerea, aviação).

O emprego destes meios é extremamente variavel, principalmente com as possibilidades de acção do inimigo; mas todos são applicaveis

por qualquer escalão de commando, em maior ou menor escala e de accordo com a situação particular de cada unidade. Mesmo as unidades não ameaçadas immediatamente (unidades do Grosso, unidades do 2.º escalão ou a grande distancia do inimigo) não devem deixar de adoptar medidas de segurança, por mais simples que estas sejam.

Informações

As informações são obtidas pela:

- aeronautica (aviação de observação);
- cavallaria (elementos de descoberta, acção do grosso da cavallaria de exploração, da divisionaria e da dos destacamentos mixtos);
- destacamentos de segurança;
- tropas em contacto (elementos de vigilância, observação terrestre, reconhecimentos offensivos, etc.);
- órgãos especiaes de observação terrestre e aerea;
- órgãos especiaes de procura de informações (escuta, prisioneiros, espiões, dados de varias procedencias, etc.).

O conhecimento da situação do inimigo constitue um dos principaes elementos em que o commando se baseia para tomar sua decisão.

Dispositivo

Em qualquer occasião, o dispositivo da tropa deve ser o que mais convenha á execução das intenções do chefe. Por isso elle corresponde sempre á missão do momento ou á mais provavel e tambem ás possibilidades do inimigo, e é amoldado ao terreno da acção.

A repartição das tropas em largura e seu escalonamento em profundidade tem sempre em vista apresentar, no momento opportuno, os diferentes elementos na melhor disposição para executar a missão particular de cada um e oppôr-se á vontade do inimigo.

Ao mesmo tempo, esse dispositivo deve ser sufficientemente maneavel para permittir as transformações impostas pelas situações sempre mutaveis na guerra.

No tocante á protecção material das unidades, o dispositivo, em suas minucias, deve permittir aquellas as melhores formações e providencias para aproveitarem o terreno e protegerem-se contra a acção do inimigo.

Longe do inimigo, quando não ha a temer sua acção immediata, o dispositivo, embora decorrente das intenções do commando, amolda-se ao terreno, quer para aproveitar a rede de estradas e os recursos da região, quer para facilitar as mudanças de direcção e as modificações em si mesmo de accordo com as mudanças da situação.

A proporção que a tropa se approxima do inimigo, o dispositivo torna-se menos profundo para que as unidades mais afastadas possam intervir em tempo util. Então, a missão vae cada vez mais predominando na fixação do dispositivo a adoptar. As medidas de segurança tomam maior vulto.

Nas proximidades do inimigo ou em contacto com este, a segurança reside principal-

mente no judicioso dispositivo, capaz de realizar com proveito a missão da tropa ou o mais conveniente ás modificações necessarias para se fazer frente a uma situação inopinada.

Destacamentos da segurança

No dispositivo geral da tropa ha sempre duas grandes divisões: o Grosso, constituido pela quasi totalidade dos meios de acção; e os Destacamentos de segurança, de effectivos reduzidos ao minimo indispensavel.

Os Destacamentos de segurança recebem o nome de *Vanguarda*, *Flancoguarda* e *Retaguarda*, conforme a posição que occupam em relação ao Grosso.

O commando fixa para cada caso particular a composição e a missão desses destacamentos. Em todos os casos, elles são um elemento avançado que faz preceder a vontade do commando á do inimigo (caso da offensiva) ou que offerece um primeiro entrave á vontade do inimigo já manifestada (caso da defensiva). Sua acção permite sempre assegurar ao commando a porção do terreno mais conveniente para empenhar o seu Grosso (posse de observatorios para artilharia, posse de posições de fogo bem escolhidas, base de partida conveniente, etc.); e, ao mesmo tempo, por sua acção retardadora, garante o tempo para o commando tomar ou modificar suas disposições para agir contra o inimigo.

Além disso pelas medidas de minucia adoptadas impedem que o Grosso seja attingido pelas surpresas terrestres do inimigo (mesmo as de seus elementos ligeiros).

Os destacamentos de segurança são sobretudo um precioso órgão de informação, principalmente na offensiva, pois, só após terem elles realizado a tomada do contacto é que o commando dispõe de dados sufficientes para a montagem do ataque. As informações colhidas pelos destacamentos de segurança, em quaesquer circumstancias, tem um caracter de precisão que não é peculiar aos outros meios de informação.

Nos estacionamentos os destacamentos de segurança adoptam um dispositivo que recebe o nome de *Postos Avançados*, do qual decorre a segurança do Grosso estacionado.

A composição desses destacamentos varia de accordo com as circumstancias: elementos ligeiros de infantaria e principalmente de cavallaria, simples rede de vigilância, quando não ha probabilidade do inimigo agir com fortes meios; grupamento equilibrado de unidades de infantaria, cavallaria, artilharia e engenharia sempre que o commando queira impôr sua vontade ou oppôr-se á do inimigo, de accordo com as possibilidades deste.

II — RACIOCINIO DO COMMANDANTE DE PELOTÃO, QUANDO, ENQUADRADO NO ATAQUE CONTRA UM OBJECTIVO, TEM SEU MOVIMENTO DIFFICULTADO OU MESMO IMPEDIDO PELO FOGO INIMIGO (R. E. C. I., 251 a 255, 332, 334, 339, 341, 342 a 346).

Em principio, o Pelotão, em primeiro escalão, progride no ataque tendo os G.O. repartidos em largura e escalonados em profundidade. A maior parte de seus grupos terá missões pre-

viamente determinadas ou então impostas, durante o movimento, pelo fogo inimigo, mas poderá haver grupos disponíveis, sem missão definida e promptos a serem empregados de accordo com as necessidades.

Cada grupo empenhado avança para o seu objectivo, procurando infiltrar-se pelos espaços desenhados ou não batidos ou combinando o fogo e o movimento e cuidando, respeitada a missão propria, de apoiar os visinhos, tudo *sob inteira iniciativa dos commandantes respectivos*.

Limitada desse modo a *interferencia directa* do commandante do Pelotão sobre os G. G. empenhados, a acção deste commandante manifesta-se, entretanto, no desenrolar do ataque:

1.º pelo emprego dos grupos disponíveis, de accordo com a manobra a realizar;

2.º pela coordenação do fogo dos grupos empenhados no sentido do apoio mutuo que elles se devem ou do apoio a uma unidade visinha cujo movimento possa ser facilitado;

3.º pela impulsão, graças principalmente ao exemplo pessoal, que imprime a um grupo mal conduzido ou a todo o Pelotão, quando possível e de modo a aproveitar um momento opportuno para avançar;

4.º pelo restabelecimento da ordem e do escalonamento em profundidade nas paradas e occasiões opportunas.

*
*
*

Emquanto o fogo inimigo não lhe impede a progressão o Pelotão vai progredindo, *mesmo que os visinhos se achem detidos*, quer aproveitando os espaços desenhados ou mal batidos, quer combinando o fogo e o movimento, quer recorrendo ao apoio da artilharia e de modo a facilitar, pelo desbordamento das resistencias que se lhes oppõem, o movimento dos visinhos.

Quando, porém, o fogo inimigo impede que os G. G. empenhados directamente continuem a progredir, a primeira preocupação do commandante do Pelotão deve ser empregar seus proprios recursos para *adquirir superioridade de fogo* e poder continuar a progressão.

Dentre os varios casos que se podem apresentar destacaremos, como mais importantes, os seguintes:

I—Se dispuzer de G. C. não empenhados directamente e, portanto, *em reserva*, procura executar com estes o desbordamento e o envolvimento.

Sabendo que o fogo inimigo impede, na zona dos grupos empenhados, todo movimento para a frente e para os flancos, procura *levar os F. M. disponíveis para uma posição de fogo conveniente*, geralmente no flanco do objectivo e de modo a permittir o avanço dos grupos detidos.

Para isso dispõe de *meios de execução*:—o terreno, que indica pelos espaços cobertos,

mal ou não batidos, os pontos fracos do objectivo em direcção aos quaes o movimento é dirigido a coberto das vistas do inimigo;—o *apoio do fogo* dos grupos empenhados e dos Pelotões visinhos, o qual terá principalmente em vista *fixar a atenção* e o fogo inimigos, de modo a crear espaços não batidos pelos quaes as outras fracções avançarão sem perdas e, o que é essencial, *desapercebidas*. O commandante do Pelotão procura itinerarios cobertos por onde possam infiltrar-se os seus grupos de manobra e de onde estes abrirão fogo effcaz e de *surpresa* sobre a resistencia a reduzir. *Não se manobra sob o fogo inimigo*.

Por outro lado, deve ter em vista que esse movimento dos grupos de manobra não prejudique a acção das unidades visinhas, o que naturalmente restringe a zona em que a manobra se pôde realizar.

II—Se o desbordamento não fôr possível ou fracassar, quer devido ao fogo inimigo, quer porque o terreno não permite itinerarios desenhados por onde se possa progredir apesar daquelle fogo, quer ainda pela inconveniencia de prejudicar-se a acção das unidades visinhas, cabe ao commandante do Pelotão *reforçar*, apesar de tudo, o *seu plano de fogo*, levando os G. C. disponíveis a posições convenientes (fogo pelos intervallos, fogo pelos flancos), sem produzir agglomerações e de modo a facilitar com esse accrescimo o movimento das unidades visinhas.

III—Se o Pelotão tiver todos os seus grupos empenhados e nenhum destes puder progredir para os pontos fracos nos flancos do objectivo, ainda restará ao commandante do Pelotão coordenar, na medida do possível, os fogos de seus grupos, tendo em vista, como no caso anterior, facilitar o movimento de uma unidade visinha e, eventualmente, para manter o terreno conquistado. Essa operação apresentará sérias difficuldades por não permittir o fogo inimigo perfeita transmissão de ordens e deslocamentos para melhorar as posições de tiro alcançadas.

IV—Se o Pelotão estiver á pequena distancia da resistencia dever-se-há empregar os V. B. em grupamento para executar um tiro de neutralização e poder-se assim dar o *assalto*. Ainda aqui a expedição de ordens e a reunião dos V. B. será operação difficil e talvez impracticavel, a menos que a acção dos V. B. não esteja prevista e preparada com antecedencia.

V—Se de todo fôr impossivel continuar a progressão com os proprios recursos ou com o auxilio das fracções visinhas, deverá o commandante do Pelotão recorrer ao commandante da Companhia, o qual resolverá agir com sua reserva ou com os órgãos de fogo a sua disposição, ou pedir a intervenção do commandante do Batalhão.

Em qualquer caso, deve o commandante do Pelotão manter-se vigilante de modo a poder aproveitar instantaneamente as occasiões, talvez fugitivas, para continuar o movimento, ou a evitar o envolvimento de sua fracção.

Sobre um projecto de lei

Um deputado nosso deixou sobre a mesa da Camara, em 31 de julho findo, um projecto de lei que manda sejam festejadas com solemnidades officiaes unicamente as datas nacionais mencionadas na legislação vigente. «Todas as outras datas que relembrem factos historicos de qualquer natureza» — accrescenta o projecto — «poderão ser festejadas, mas sem pompas officiaes, e no recinto dos edificios que forem séde das instituições que quizerem promover esses festejos».

Fundamentando essa proposição, diz o seu autor, depois de uma serie de considerações, entre as quaes figura a de que a mentalidade americana se vae avisinando toda ella dessas fórmulas de solução de suas possiveis divergencias, nas quaes nada terão que fazer os engenhos de guerra e os tratados da sciencia militar: «Ainda ha de chegar a época em que esses engenhos e tratados hão de figurar nos museus historicos como já figuram os instrumentos de tortura usados pelos despotas e pelos tyranos de outras idades».

Generosa utopia! Debalde aguardarão os museus historicos «os engenhos de guerra e os tratados da sciencia militar», para os expôr á curiosidade das gerações vindouras. A guerra

é eterna. Enquanto subsistir o homem, a guerra subsistirá. Pouco importa que a anathematisem os sonhadores, os ideologos, os humanitarios.

Triste do povo que se desarmar na convicção de que não vem longe o dia em que o anjo da paz distenderá sobre as nações da terra as suas grandes azas protectoras. Em que pese aos desejos dos que o prognosticam com entusiasmo, jamais alvorecerá esse grande dia da fraternidade humana.

Não é de hoje que se apostola a paz, nem é de hoje que se maldiz a guerra. Entretanto, que resultados praticos já advieram desse apostolado e dessa guerra á guerra? Nenhum resultado adveio, nem advirá.

A paz perpetua entre os homens é ainda mais difficil do que entre os elephantes e rhinocerontes.

Por maior, pois, que seja o acatamento que nos possa merecer a boa intenção do illustre parlamentar autor do projecto em apreço, permittimo-nos a liberdade de discordar das opiniões que expende, por justificar a sua proposição, pois são manifestamente contrarias á realidade. O mundo tem de ser o que effectivamente é, e não o que desejariamos que elle fosse.

Ainda citações e não elogios

«Pelos processos actuaes chega-se a disparates como esses: A unidade X, mal commandada, nada faz; o chefe Y da unidade immediatamente superior nada diz a seu respeito ou a cita desfavoravelmente — pois o Cmt. X elogia grande parte de seus officiaes, que assim enchem suas fés de officio de *elogios* absolutamente sem valor; o Cmt. X tem que elogiar 50 officiaes — começa pelos mais graduados e quando chega aos menos graduados não tem mais adjectivos á altura do que elles tenham feito, etc.

Mudar um regimen como esse seria até moral, pois, se nenhum official escriptuloso é capaz de solicitar (requerer) um *elogio*, sel-o-hia perfeitamente capaz de requerer uma citação de acções suas, desde que pudesse comproval-as».

Consultas

No pensamento de corresponder ao apreço com que nos têm obsequiado os nossos camaradas, resolvemos restabelecer a secção de consultas que mantinhámos na «A Defesa Nacional».

As consultas deverão ser feitas em forma concisa e clara.

BIBLIOGRAPHIA

Recebemos e agradecemos:
Revista Militar — Lisboa — Maio e Junho.
La guerra y su preparation — Hespanha — Maio.
Memorial del Estado Mayor del Ejército — Colombia — Março e Abril.
Alerta — Uruguay — Maio.
Revista del Ejército y de la Marina — Mexico — Maio.
Circulo Militar — Perú — Junho.
Anniversario do 1.º Btl. de Engenharia com uma conferencia do Gen. Moreira Guimarães.
Revista Militar — Argentina — Junho, 1926.
Rio Psychico — Junho, 1926.
Revista de Policia — Rio de Janeiro — Julho.

A CAMPANHA DO CONTESTADO

Aos nossos assignantes que apenas possuem os I e II volumes deste livro da autoria de *Crivelaro Marcial*, pseudonymo com que o publicou o nosso camarada Cap. Dermeval, offereceremos o III volume da mesma obra.

Proporcionou-nos realizar esta bonificação aos nossos prezados assignantes o offerecimento que nos fez o autor de um restante de volumes que ainda possui, offerta que muito agradecemos.

Os pedidos devem ser dirigidos á nossa Redacção (Quitanda 74 ou Caixa postal 1602).

EXPEDIENTE

«Aos redactores effectivos cabe a responsabilidade da edição, aos collaboradores a das opiniões que emittirem em seus artigos» (art.º 7 dos Estatutos do Grupo Mantenedor).

REPRESENTAÇÃO COMMERCIAL

E' nosso representante commercial o prezado patricio Srr. Candido Viegas, chefe do serviço de propaganda da firma Silva Araujo e administrador do Hospital São Francisco de Assis.

MUDOU A COR DA CAPA

Lembramos aos nossos representantes e assignantes a necessidade, a urgencia de se fazerem a cobrança, pagamento e remessa das importancias relativas ao semestre que se inicia, o mais cedo possivel. Sem isso nada poderemos fazer de estavel, permanente e util.

Esperamos que ao apparecer o numero de Setembro (3º do semestre!) todos os compromissos para com "A Defesa Nacional" estejam saldados, para que não tenhamos de suspender a remessa a nenhum dos nossos actuaes assignantes.

PAGAMENTO PONTUAL E ADEANTADO

Para ser-nos possivel restabelecer a pontualidade na distribuição de «A Defesa Nacional» torna-se estritamente necessario que nossos prezados assignantes **PAGUEM PONTUAL E ADIANTADAMENTE** as suas assignaturas semestraes.

AOS REPRESENTANTES

Pedimos encarecidamente aos nossos representantes o obsequio de nos communicar a transferencia dos assignantes, designando o novo local onde vão servir e bem assim devolver-nos os exemplares que para elles tivermos enviado, correndo por nossa conta as despesas postaes.

AVISO UTIL

A *Gerencia* e a *Secretaria* da nossa revista funcionam, das 16 ás 18 horas, do seguinte modo:

— nas 3.^{as}, 5.^{as} e sabbados: **GERENCIA** (assignaturas, pagamentos, remessa, annuncios, etc.);

— nas 2.^{as} e 6.^{as}: **SECRETARIA** (collaboração, «suggestões», provas, etc.)

REGRAS PARA A CORRESPONDENCIA

Com o fim de facilitar os entendimentos entre os interessados e a nossa administração prescrevemos o seguinte:

- 1) Tudo que se refira á collaboração, suggestões e assumptos que lhes sejam correlatos deve ser endereçado ao *Redactor-Secretario*;
- 2) Qualquer assumpto sobre assignaturas, expedição e envio de importancias deve tratar-se com o *Redactor-Gerente* (se a remessa de valores fôr feita em vale postal — ao *Thezoureiro*);
- 3) As questões referentes a annuncios devem ser tratadas com o *Representante commercial* (endereço Candido Viegas — Caixa Postal 1206);
- 4) Sempre que se queira reiterar qualquer communicação, deve-se fazel-o ao *Redactor-Chefe*.

PREÇOS DAS ASSIGNATURAS

Semestre	9\$000
Anno	18\$000

TABELLA DE PREÇOS DOS ANNUNCIOS

CAPA EXTERNA

1 Pagina	300\$000
1/2 Pagina	150\$000

FOLHAS INTERNAS

1 Pagina	100\$000
1/2 Pagina	60\$000
1/4 Pagina	35\$000

CAPA POSTERIOR

1 Pagina	180\$000
1/2 Pagina	100\$000
1/4 Pagina	60\$000

FOLHAS COLORIDAS DENTRO DO TEXTO

Impressão de um só lado . . .	120\$000
Impressão dos dois lados	150\$000

SALGADO GUIMARÃES & CIA.

Fornecimentos militares — Fazendas por atacado
Sirgueiros, Corrieiros, Arrieiros.

Grandes Officinas de Typographia, Lithographia,
Encadernação, Pautação, Timbragem, etc.

Papelaria, Objectos para escriptorio, Livros para escripturação,
Artigos para desenho.

26, Rua da Quitanda, 26

Telephone Central 4364

RIO DE JANEIRO

NEURASTHENIA
Contra todas as manifestações

Neuro-Sôro

Silva Araujo

BASE: Glycerophosphato de Sodio
e Strychnina - Cocodylato.

Typographia IDEAL

M. Marques da Silva

Rua Theophilo Ottoni, 165

Teleph. Norte 4664

Trabalhos commerciaes,

Impressão de luxo, etc.

Domingos Joaquim da Silva & Cia. Lda.

Endereço Telegraphico: **"DOVA"**

MADEIRAS E MATERIAES

Pinhos Riga, Sueco e Americano — Madeiras do Paiz de todas as qualidades
Tijolos, Telhas, Cimentos PORTLAND, DOVA e BRANCO, Cal, Ladrilhos,
Chapas onduladas galvanizadas, Vigas de aço, etc. etc.

GRANDES ARMAZENS E SERRARIA

PRAIA DE S. CHRISTOVÃO N: 4 A 12

TELEPHONE VILLA 25

ESCRITORIOS: { RUA S. PEDRO, 54 — Telephone Norte 479
 { "CENTRAL": PRACA DA IGREJINHA, 22 — Telephone Villa 2273

FILIAL: RUA IMPERIAL, 89 — Telephone Jardim 1070

Historia Militar do Brasil

pelo

Cap. Genserico de Vasconcellos

SEGUNDA EDIÇÃO

Um grosso volume in-8.º com 600 pgs. de texto em composição compacta e grande numero de mappas a cores fóra do texto

PREÇO: } em broc. 12\$000
(livre de porte) } encader. 15\$000

Livraria Francisco Alves

Paulo de Azevedo & Cia.

Rio de Janeiro — R. do Ouvidor, 166

São Paulo — R. Libero Badaró, 129

Bello Horizonte — R. da Bahia, 1055

Estabelecimento Graphico CANTON & BEYER

RUA LUIZ DE CAMÕES, 74 - Teleph. Norte 3199

RIO DE JANEIRO

Trabalhos de Reclame
simples e em cores,
Revistas, Livros, etc.

REMINGTON PORTATIL

O seu uso é tão simples que está ao alcance de todos,
independente de instruções especiaes.



Vendida pela «UNICA ORGANI-
ZAÇÃO ESPECIALIZADA DO
RAMO NO BRASIL».



Para informações mais detalhadas
queira cortar o coupon abaixo e re-
metter-nos.

S. A. CASA PRATT—Caixa 1025—Rio.

NOME

RUA N.º

CIDADE EST.º

Guia do Commandante do Grupo de Combate

T. Cel. Paes de Andrade e Ten. Pavel

Tratando de tudo o que compete saber ao seu
commandante para bem dirigir a sua pequena
unidade quer na paz quer na guerra.

Preço 5\$000

NOTA — A venda na A Defesa Nacional
á rua da Quitanda, 74 - Rio

Os pedidos de fóra devem vir acompanhados de
um sello de 500 rs. para a remessa.